

Ana Paula Gonçalves Pita

Entre rigor e rebeldia:

Insubordinação Criativa
nas práticas investigativas
do GIEL



Prefácio de Celi
Espasandim Lopes

Akademy
EDITORA

**Entre rigor e rebeldia:
Insubordinação Criativa nas
práticas investigativas do Grupo
Interdisciplinar em Estudos de
Linguagem**

Ana Paula Gonçalves Pita

**Entre rigor e rebeldia:
Insubordinação Criativa nas práticas
investigativas do Grupo
Interdisciplinar em Estudos de
Linguagem**

Akademy
EDITORA

2026

Copyright © 2026 Editora Akademy
Editor-chefe: Celso Ribeiro Campos
Diagramação e capa: Editora Akademy
Revisão: Aline Rubiane Arnemann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

P681e

Pita, Ana Paula Gonçalves

Entre rigor e rebeldia [livro eletrônico]:
insubordinação criativa nas práticas
investigativas do Grupo Interdisciplinar em
Estudos de Linguagem / Ana Paula Gonçalves Pita.
-- 1.ed.-- São Paulo: Editora Akademy, 2026.

PDF

Bibliografia

ISBN (e-book): 978-65-80008-88-9

1. Educação superior 2. Estudantes
universitários - orientação 3.
Epistemologia 4. Grupo Interdisciplinar
em Estudos de Linguagem (GIEL) 5. Justiça
social. 6. Transdisciplinaridade

I. Título

26-348128.0

CDD: 378

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação superior 378

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio sem a prévia autorização da Editora Akademy. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Os autores e a editora empenham-se para citar adequadamente e dar o devido crédito a todos os detentores dos direitos autorais de qualquer material utilizado neste livro, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, a identificação de algum deles tenha sido omitida.

Editora Akademy – São Paulo, SP

Corpo editorial

Alessandra Mollo (UNIFESP-CETRUS)
Ana Hutz (PUC-SP)
Ana Lucia Manrique (PUC-SP)
André Galhardo Fernandes (UNIP)
Andréa Pavan Perin (FATEC)
Antonio Correa de Lacerda (PUC-SP)
Aurélio Hess (FOC)
Camila Bernardes de Souza (UNIFESP/EORTC/WHO)
Carlos Ricardo Bifi (FATEC)
Cassio Cristiano Giordano (FURG)
Claudio Rafael Bifi (PUC-SP)
Daniel José Machado (PUC-SP)
Fernanda Sevarolli Creston Faria Kistemann (UFJF)
Francisco Carlos Gomes (PUC-SP)
Freda M. D. Vasse (Groningen/HOLANDA)
Freddy Enrique Gonzalez (UFOP)
Heloisa de Sá Nobriga (ECA/USP)
Ivy Judensnaider (UNICAMP)
Jayr Figueiredo de Oliveira (FATEC)
José Nicolau Pompeo (PUC-SP)
Marcelo José Ranieri Cardoso (PUC-SP)
Marco Aurelio Kistemann Junior (UFJF)
Maria Cristina Kanobel (UTN-ARGENTINA)
Maria Lucia Lorenzetti Wodewotzki (UNESP)
Mario Mollo Neto (UNESP)
Mauro Maia Laruccia (PUC-SP)
Michael Adelowotan (University of JOHANNESBURG)
Océlio de Jesus Carneiro Morais (UNAMA)
Paula Gonçalves Sauer (ESPM)
Roberta Soares da Silva (PUC-SP)
Tankiso Moloji (University of JOHANNESBURG)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

Sumário

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	17
Insubordinação Criativa.....	19
Dimensões da Insubordinação Criativa.....	25
Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq)....	31
Insubordinação Criativa e a revisão sistemática.....	37
A Insubordinação Criativa nas Produções e Caminhos dos Pesquisadores	43
Pesquisadores - doutores.....	45
Rubens Lacerda de Sá.....	45
Cristiane Freire de Sá.....	49
Diego Pinto de Sousa.....	52
Elkerlane Martins de Araújo Moraes.....	56
Gabriel Silva Nascimento	60
David Juglierme Alves Nogueira.....	64
Edu Dias da Silva	67
Moisés Carlos de Amorim	71
Paulo José Evaristo da Silva.....	74
Rita de Cássia Augusto	77
Mariana Guedes Seccato	81
Pesquisadores - pós-graduandos.....	85
Vinicius Siqueira de Lima.....	85
Ana Carlota Vieira Niero	88
Carlos Roberto Faustino.....	92

Cristiano Rodineli de Almeida	94
Gabriela Cristina Monteiro de Moura.....	98
Gabriela Genizele Souza dos Santos.....	100
Graziani França Claudino de Anicézio	102
Heleni Sousa dos Santos Ferreira	104
Pedro Henrique Franco Becker	106
Ricardo Medeiros Priuli.....	108
Rosemeire Rodrigues de Oliveira.....	110
Pesquisadores – técnicos.....	113
Lucimar Pinheiro da Silva Sampaio	113
Pesquisadores - colaboradores estrangeiros	117
Derlis Ortiz Coronel	117
Elsa Lechner.....	121
Enrico Bocciolesi.....	125
Múltiplas formas de Insubordinação Criativa: comentários.....	129
Entre experiências e subversões: um pensar em curso.....	133
Referências	137
Sobre a autora	141

Prefácio

As realidades socioculturais e as exigências sociais da educação levam-me às reflexões mais críticas sobre a minha prática como formadora de professores de matemática. Constatado que muitas das minhas práticas são coniventes com a opressão dos alunos e de muitos dos menos privilegiados na nossa sociedade global. Preciso me lembrar constantemente de que o objetivo da educação é ajudar cada criança e cada ser humano a alcançar seu potencial máximo. E, para o bem da ordem mundial, esses indivíduos precisarão aprender a colaborar, contribuindo cada um com seus talentos e pontos fortes, a fim de solucionar os imensos problemas que nós (nossa geração) não conseguimos resolver. As soluções para os problemas de desigualdade e injustiça em nosso mundo exigem uma resolução de problemas extremamente criativa – pensar fora da caixa para imaginar novas possibilidades de como as pessoas se relacionam. Essa resolução criativa precisa estar fundamentada em valores, moral, ética e, principalmente, solidariedade. Além disso, essa resolução criativa requer confiança, coragem e o desejo de agir! (Beatriz Silva D’Ambrosio, 07 de fevereiro de 2014)¹.

¹ D’AMBROSIO, B. S. Living Contradictions: Negotiating Practices as Mathematics Teacher Educators. **Proceedings** [...]. Annual AMTE Conference. Association of Mathematics Teacher Educators. Irvine/CA. Feb. 7, 2014. <https://amte.net/sites/default/files/living-contradictions-dambrosio-amte-2014.pdf>.

Neste preâmbulo estabeleço diálogo com dois educadores que considero extraordinários, Beatriz D’Ambrosio e Paulo Freire.

Eu inicio apresentando uma reflexão de Beatriz, como educadora matemática e formadora de professores que ensinam matemática, durante uma palestra de abertura da conferência anual da Associação de Formadores de Professores de Matemática, realizada em fevereiro de 2014 em uma cidade da Califórnia. Nós tínhamos começado nossos estudos e discussões sobre o conceito de Insubordinação Criativa em janeiro de 2014, quando trabalhamos arduamente por muitas horas ao longo de 20 dias. Foi nesse período que escrevemos o artigo “Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático” e, também, delineamos o projeto de pesquisa que deu origem ao livro *Trajétoias profissionais de educadoras matemáticas*, primeiro livro da coleção de Insubordinação Criativa, publicado no mesmo ano pela Editora Mercado de Letras.

Nessa ocasião, discutíamos sobre a importância de a ética, a moral e a solidariedade serem alicerces na formação matemática dos estudantes, independente do nível de escolaridade em que esteja. Beatriz discordava que tais valores fossem desenvolvidos apenas no âmbito familiar, e eu concordava com ela. Seria inaceitável “ensinar amor e respeito em casa e viver em uma sala de aula”, onde ocorresse discriminação de qualquer natureza, onde houvesse práticas racistas, intolerantes e excludentes.

Não é aceitável aprender em casa que você pode ser o que quiser, mas aprender na escola que você nunca realizará seus sonhos, pois todos os sistemas estão em vigor para que você nunca saia das categorias mais baixas da educação — para que seus sonhos e aspirações sejam silenciados e destruídos (D’Ambrosio, B., 2014).

Em nossos diálogos contínuos, Freire (2003)² se fazia sempre presente, pois concordávamos com o autor sobre sua concepção de Educação como prática de liberdade, ao defender um processo educativo que proporcione às pessoas uma discussão crítica, analítica e corajosa de suas problemáticas, a fim de transformar sua realidade social. Este movimento remete à conscientização e à humanização. O educando deixa de ser um receptor passivo para se tornar um sujeito ativo, por meio de um diálogo constante com o outro. Essa proposição é política e dialógica, visando à emancipação e à autonomia de todos, a fim de que colaborem na construção de uma sociedade democrática e na superação de qualquer forma de opressão.

Beatriz e eu também refletimos conjuntamente sobre a concepção problematizadora e libertadora da educação defendida por Freire (2002)³, na qual o educador é humanista e revolucionário e, portanto, promove um ensino dialógico, libertador e reflexivo. Beatriz se questiona sobre sua visão de um bom ensino e afirma estar tentando,

com o apoio de autores como Harkness⁴, praticar o jogo da crença (em oposição ao jogo da dúvida), quando interajo com professores e futuros professores. Alguns de vocês já leram meu trabalho sobre escuta hermenêutica, e o jogo da crença ressoa com essa postura de escutar os alunos de uma forma que leva à coconstrução de significado e, neste caso, à coconstrução de nossos projetos profissionais individuais para nos tornarmos professores melhores (D'Ambrosio, B., 2014).

Tais ponderações e referenciais nos encaminharam na compreensão sobre o conceito de insubordinação criativa e,

² FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

³ FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁴ HARKNESS, S. S. Social Constructivism and the Believing Game: A Mathematics Teacher's Practice and Its Implications. **Educational Studies in Mathematics**. v.70, n. 3, 2009. p. 243-258.

posteriormente, ao entendimento de que o professor e/ou pesquisador que assume ações pautadas neste conceito é um profissional subversivamente responsável, que coloca em prática um princípio de justiça social quando visa se contrapor a regras em prol do bem-estar do outro, com quem estabelece o compromisso de auxiliar em sua transformação como um ser humano que busca agir pela equidade e inclusão.

Com a ausência de Beatriz entre nós, criei a The International Conference on Creative Insubordination in Mathematics Education (ICOCIME), contando, mais proximamente, com o apoio de Antonio Vicente Marafioti Garnica, Regina Célia Grando, e Ubiratan D'Ambrosio. Nossa intenção é mobilizar professores e/ou pesquisadores a se aproximarem do conceito de Insubordinação Criativa e, quando houver um contexto que possa requerer ações profissionais pautadas nele, façam-no se assumindo educadores subversivamente responsáveis e comprometidos com uma educação direcionada para a transformação social que nos remeta a uma sociedade mais justa e igualitária.

Este livro apresenta alguns cenários em que houve subversão responsável de professores e pesquisadores. Ao receber o convite de Ana Paula Pita para prefaciá-lo, senti-me honrada, pois acompanho sua trajetória, como educadora matemática, há algum tempo e sempre percebo seu comprometimento com a produção científica na área e, particularmente, em suas ações pedagógicas como professora.

A leitura desta obra nos permite perceber como muitos colegas têm utilizado o conceito de Insubordinação Criativa e suas múltiplas formas de diálogo com ele, em suas práticas como professores ou pesquisadores, sempre revelando ousadias pedagógicas e nos fazeres da investigação. Dessa forma, recomendo a leitura e expressei meu desejo de que ela possa ser reflexiva e transformadora.

Celi Espasandin Lopes
Valinhos, 11 de março de 2026.

Apresentação

Entre rigor e rebeldia: Insubordinação Criativa nas práticas investigativas do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq), emerge como um testemunho vivo da tensão produtiva e provocadora entre o rigor acadêmico e a ousadia transformadora. Trata-se de um livro que não apenas documenta, mas encarna a Insubordinação Criativa como prática individual e coletiva por parte dos integrantes, passados-presentes e, certamente, futuros, do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq).

Essa obra, resultado de uma revisão sistemática meticulosa de Currículos Lattes, teses, dissertações e publicações produzidas entre 2015 e 2025 pelos pesquisadores vinculados ao grupo, revela como as investigações do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) rompem com normatizações disciplinares rígidas, questionam estruturas de poder opressoras e propõem alternativas epistemológicas, metodológicas e teóricas alinhadas à emancipação. Sob a liderança de Rubens Lacerda de Sá e Diego Pinto de Sousa, ambos Ph.D., o grupo se configura como um coletivo transdisciplinar que tensiona fronteiras epistemológicas ao promover um fazer científico engajado, sensível e humanizador, em que a insubordinação criativa se manifesta não como mera oposição sem sentido, mas como desvio positivo, propositivo e fundamentado na responsabilidade ética e criação de caminhos transformadores outros.

O cerne desta obra reside na análise da Insubordinação Criativa como atitude epistemológica, ética e política, concedida a partir do pensamento de autores como Paulo Freire, bell hooks, Ubiratan D'Ambrosio, Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes, que articulam dialogia, ética amorosa, transdisciplinaridade e justiça social. Surgida em 1981 a partir de um estudo etnográfico com diretores de escolas em Chicago, onde a subversão de regras burocráticas preservava princípios éticos em prol do bem-estar

comunitário, a Insubordinação Criativa é definida por Beatriz D'Ambrosio e Celi Lopes como o ato de atrever-se a criar e ousar ao contrapor-se a diretrizes estabelecidas. Essa noção ressoa com a pedagogia freireana da práxis e do diálogo horizontalizado, que rompe com hierarquias autoritárias e convoca à corresponsabilidade na humanização, bem como com a ética amorosa de hooks, que desloca o amor da esfera privada para a pública, combatendo posturas individualistas por meio de lealdade, cuidado e compromisso com laços duradouros.

Com base nessa percepção e corpo de saberes que Ana Paula Gonçalves Pita constrói seu pensamento autoral fundado em quatro dimensões centrais, a saber, o horizonte filosófico-político, o epistemológico, o metodológico e o da ação-transformação. A sistematização dessas manifestações permite a identificação de rupturas responsáveis que geram alternativas inovadoras, como a valorização de experiências vividas, escritas híbridas e práticas colaborativas comprometidas com realidades marginalizadas.

A introdução pessoal da autora, tecida a partir do luto pela mãe, Maria de Lourdes Gonçalves Pita, *in memoriam*, e a inspiração de Rubens Lacerda de Sá, durante a realização de um estágio pós-doutoral, ilustra como a Insubordinação Criativa nasce de encruzilhadas ético-existenciais. Para a autora, o luto transforma-se em pesquisa resignificadora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo (PPGESIA/UNIFESP), onde o encontro com o Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) reinventa a ciência como aberta e plural, recusando as “gaiolas epistemológicas” denunciadas por Ubiratan D'Ambrosio.

O Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) adota uma proposta pluriteórica, ética e hiperflexível em Estudos de Linguagem, orientada pelo fenômeno investigado para caminhos trans, multi e interdisciplinares ao derreter fronteiras científicas modernas com “conceitos quentes” à la Boaventura de

Sousa Santos e apostando em diálogos bakhtinianos contra dicotomias positivistas. Sob a liderança de Rubens Lacerda de Sá, qual pesquisador social que une investigação à dor humana, o grupo navega livremente entre diferentes áreas e saberes com o fito de criticar os aprisionamentos teóricos como a “Matrix” ou a “cama procustea”, e defender a transdisciplinaridade como ética aberta à pluralidade e ao benefício coletivo.

A revisão sistemática realizada por Ana Paula Gonçalves Pita, guiada por critérios rigorosos de inclusão e exclusão, mapeia produções que exemplificam a insubordinação das investigações de integrantes do grupo durante suas pesquisas *stricto sensu*. Apenas para citar alguns nesta apresentação e deixar as surpresas do texto para o leitor, destaco que a autora examinou trabalhos, 1) cuja pesquisa hipertextual e hipermetafórica, recusou aderência estrita ao engessado gênero-tese e incorporou trajetórias pessoais e críticas à gramática taxonômica acadêmica; 2) onde encontramos a propositura de uma educação para a morte através da compreensão e interação com túmulos virtuais a partir das relações pragmático-dialógica em linguagem; 3) em que a pesquisa ressignificou etapas metodológicas no processo investigativo; 4) em que metáforas literárias, como a do rouxinol, foi usada para criticar as políticas de internacionalização; e outros, e outros, e outros...

Os pós-graduandos do nível *stricto sensu*, como Vinícius Siqueira de Lima, Ana Carlota Vieira Niero e outros, têm tensionado neoliberalismos educacionais e políticos, lógicas anticoloniais, etc.. Pesquisadores técnicos como Lucimar Pinheiro da Silva Sampaio e colaboradores de outros países, como Derlis Ortiz Coronel, Elsa Lechner e Enrico Bocciolesi, ampliam o escopo com narrativas biográficas de migrantes e práticas inclusivas indígenas por meio de uma pedagogia eminentemente crítica. Temas ousados como migração e hospitalidade, maternagem em contextos migratórios, anticolonização em prisões, inclusão de autistas e outros, revelam escolhas que valorizam protagonismo investigativo, experiências

vividas e produções situadas, além de romper com tecnicismos através de escritas poéticas e proposições transformadoras.

O coletivo de pesquisadores do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) opera como subversão responsável, uma vez que a dimensão filosófico-político do pensamento da autora, denuncia opressores à luz dos pressupostos freireanos e hooksianos. A dimensão epistemológico legitima saberes marginais contra as gaiolas epistemológicas da denúncia d'Ambrosiana. A dimensão metodológica, inova com diálogos horizontalizados e plurimetodologias. E a dimensão da ação-transformação, realiza o concreto por meio de guias práticos, currículos periféricos e resistências éticas.

Enfim, todas as pesquisas que o leitor se deparará nesta obra, reforçam a potência da Insubordinação Criativa, celebram o grupo de pesquisa em tela como espaço de escuta, dor partilhada e criação coletiva que reafirma o ato de pesquisar como prática dialógica, emancipatória e política situada. Longe de rebeldia vazia, a Insubordinação Criativa do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) humaniza a ciência, comprometendo-a com a justiça social e a dignidade humana e não-humana, convidando leitores a ousar desvios positivos em suas próprias trajetórias investigativas.

Mwen swete tout lektè yo yon bèl eksperyans lekti ak liv sa a!

Rubens Lacerda de Sá

Janeiro, 2026

Introdução

Este livro nasce de um entrelaçamento singular entre dor, resistência e criação. Após quase dois anos acompanhando minha mãe, Maria de Lourdes Gonçalves Pita (in memoriam), em sua luta contra o câncer — entre cirurgias, sessões de quimioterapia e longas permanências hospitalares —, sua partida me colocou diante de uma encruzilhada: deixar-me sucumbir ao luto ou transformar essa experiência em busca, estudo e escrita. Foi nesse instante decisivo que a pesquisa surgiu como caminho de ressignificação, como possibilidade de reconstrução da vida e de afirmação da memória.

Conheci o termo Insubordinação Criativa anteriormente, em 2017, em uma disciplina ofertada pela professora Celi, na Universidade Cruzeiro do Sul, quando eu estava matriculada como aluna especial. Lembro-me de que, ao ler sobre o tema, senti-me profundamente tocada — foi como receber um abraço quentinho. Aquelas palavras me acolheram, porque reconheci nelas gestos que eu já praticava como professora da educação básica: ações em defesa dos meus alunos, projetos que nasciam da escuta e da necessidade de resistir às imposições do prescrito. Foi um encontro de reconhecimento e de pertencimento, que mais tarde se tornaria fundamento da minha própria trajetória acadêmica.

A escolha do Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde da UNIFESP não foi casual: ela respondia ao meu desejo de compreender mais profundamente a interface entre saúde e educação, marcada pela experiência intensa de acompanhar minha mãe nos corredores hospitalares. Foi nesse percurso que conheci o professor Rubens Lacerda de Sá, cuja disciplina Educação e Saúde de Migrantes abriu horizontes que eu jamais havia vislumbrado. Mais que um docente, Rubens se revelou um mentor e inspiração, não apenas por

seu rigor acadêmico, mas por sua postura ousada, criativa e ética diante do conhecimento.

Ao me aproximar do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq), sob a liderança do professor Rubens, descobri um coletivo que não apenas produz ciência, mas a reinventa. Um grupo que se recusa a permanecer preso às “gaiolas epistemológicas” (D’Ambrosio, 2016), que rompe fronteiras disciplinares e que aposta em uma ciência aberta, plural e transformadora. Foi nesse espaço que a Insubordinação Criativa deixou de ser apenas objeto de pesquisa e se tornou também prática vivida: manifestou-se na forma de escrever, nas escolhas metodológicas, no diálogo transdisciplinar e no compromisso ético com realidades muitas vezes silenciadas.

Este livro é, portanto, testemunho de duas forças que me atravessam: a memória de minha mãe, cuja coragem diante da dor segue como farol, e a inspiração de Rubens Lacerda de Sá, cuja prática acadêmica insurgente e sensível me ensinou a ousar mais, a resistir melhor e a criar de maneira comprometida com a dignidade humana.

Dedico esta obra à memória de minha mãe, Maria de Lourdes Gonçalves Pita (in memoriam), cuja presença amorosa permanece viva em cada página aqui escrita.

Insubordinação Criativa

D'Ambrosio e Lopes (2015) consideram que a Insubordinação Criativa se manifesta quando pessoas se atrevem a criar e a ousar, ao se contrapor a determinadas diretrizes estabelecidas. Em conformidade com Lopes, D'Ambrosio e Côrrea (2016), o termo Insubordinação Criativa surgiu diante da necessidade de subverter regras institucionais para preservar princípios éticos e morais. A intenção foi de “diluir os efeitos desumanizantes destas regras, protegendo as decisões [...] baseadas no melhor interesse” (Lopes; D'Ambrosio; Côrrea, 2016, p. 288).

Assim, entendemos que a reflexão crítica das pessoas sobre suas próprias ações e sobre referenciais teóricos que orientam sua prática favorece a construção de experiências transformadoras e de qualidade. Essa postura insubordinada possibilita que indivíduos, ao se libertarem de amarras impostas por sistemas, instituições ou inclusive por si mesmos, ampliem suas formas de agir e pensar. Nesse processo, criam alternativas que fortalecem não apenas a si, mas também os espaços sociais e as comunidades em que estão inseridos.

Para D'Ambrosio e Lopes (2015), o processo reflexivo pode ser considerado como precursor da Insubordinação Criativa, pois o incômodo decorre da leitura crítica sobre as diretrizes estabelecidas por políticas, tentativas de desprofissionalização em diferentes contextos de trabalho, dilemas enfrentados no cotidiano e realidades diversas em que as pessoas estão inseridas (D'Ambrosio; Lopes, 2015). Ainda em conformidade com essas autoras, o conceito de Insubordinação Criativa foi criado em 1981, a partir de um relatório de um estudo etnográfico realizado com 16 diretores de escolas de Chicago, EUA. Esse relatório evidenciou a discussão sobre as ações desses sujeitos como um recurso diante da burocracia institucional. Ainda, mostrou que, em alguns momentos, os diretores tomaram

decisões que não correspondiam às expectativas superiores, justamente porque perceberam a necessidade de desobedecer às ordens em favor da melhoria e do bem-estar da comunidade, preservando princípios éticos, morais e de justiça social.

De forma semelhante, observamos que, em diversos contextos, pessoas se deparam com restrições instituídas tanto por rotinas já naturalizadas quanto por estruturas rígidas de sistemas nos quais estão inseridas. Muitas vezes, elas se encontram tão imbricadas nessas regras que não se percebem em condições de questioná-las ou romper com elas. Assim, ainda que busquem processos formativos ou momentos de reflexão, se não houver a disposição em quebrar paradigmas e criar alternativas para superar barreiras, dificilmente tais formações ou reflexões resultarão em mudanças significativas.

Nesse sentido, a Insubordinação Criativa pode ser entendida como uma prática que emerge quando pessoas reconhecem a necessidade de questionar, propor e agir para além das regras instituídas, a fim de produzir experiências mais justas, transformadoras e coerentes com os princípios éticos e humanos que defendem.

Para Zuben (2003), as pessoas reagem com novas forças quando submetidas a situações constrangedoras, marcadas por incertezas e desafios, sendo capazes de recuperar seus valores e reafirmar sua autoridade sobre os próprios atos. Nesse sentido, a autorreflexão crítica possibilita cultivar o espírito de utopia e impulsionar ações insubordinadamente criativas em favor do outro. Ainda, segundo o autor, a utopia é o motor que move os sujeitos a novos projetos e à busca por transformações. Dessa forma, o processo de humanização, na visão de Zuben (2003), transcende a mera aquisição de saberes ou a simples necessidade de socialização, constituindo-se como um caminho de reafirmação da dignidade e de reconstrução das relações humanas.

Bell hooks (2019), ao refletir sobre a educação democrática, afirma que o aprendizado não pode ser reduzido a espaços

institucionais, pois ele se entrelaça à vida real e às experiências cotidianas. Esse entendimento reforça a necessidade de romper com fronteiras impostas por estruturas de poder que classificam e restringem saberes. Essa reflexão aproxima-se da noção de Insubordinação Criativa, uma vez que tanto a perspectiva de hooks quanto a proposta da insubordinação destacam a coragem de questionar normas e de se contrapor a diretrizes que produzem desigualdades e exclusões.

Ainda, para Hooks (2021) a construção de uma vida plena requer uma ética amorosa, capaz de se contrapor à lógica do poder e da dominação que atravessa instituições sociais, políticas e culturais. Em suas palavras, “uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente” (Hooks, 2021, p. 123). Tal perspectiva rompe com a compreensão restrita do amor como fenômeno privado e individual, propondo-o como prática política e transformadora. A noção de ética amorosa em Hooks (2021) dialoga com a crítica de autores como Erich Fromm (*A arte de amar*), que defende o amor como princípio de mudança estrutural, mas amplia essa discussão ao articular amor, política e justiça social.

Ao defender que “quando vivemos de acordo com uma ética amorosa, aprendemos a valorizar mais a lealdade e o compromisso com laços duradouros do que o crescimento material” (Hooks, 2021, p. 124), a autora desloca o amor do plano da intimidade para a esfera pública, convertendo-o em fundamento de justiça social. Esse gesto pode ser compreendido como uma forma de Insubordinação Criativa, pois questiona os valores dominantes do capitalismo tardio — como competição, consumo e individualismo — e instaura possibilidades de convivência baseadas no cuidado, na cooperação e no reconhecimento da dignidade humana. A Insubordinação Criativa, nesse ponto, pode ser compreendida como convergente com a ética amorosa: em ambos os casos, há uma recusa ao conformismo e à produção de alternativas que questionam valores hegemônicos e constroem práticas emancipadoras.

Em contextos de pesquisa e ensino, a ética amorosa de Hooks (2021) encontra ressonância direta com a Insubordinação Criativa. Ao invés de práticas científicas ou pedagógicas que reduzem sujeitos a números ou reforçam hierarquias desumanizadoras, a Insubordinação Criativa promove rupturas críticas que não apenas resistem às normas estabelecidas, mas também criam alternativas pautadas no diálogo, na solidariedade e na emancipação. Na pesquisa e no ensino, esse entrelaçamento significa romper com modelos tecnicistas, positivistas ou autoritários, produzindo ciência e educação comprometidas com a vida e com a dignidade humana — um gesto que se configura como resistência e, ao mesmo tempo, criação de novos caminhos. Nesse sentido, viver, pesquisar e ensinar com base no amor é um ato político que, como afirma Hooks (2021, p. 125), impede “formas que rebaixam o nosso espírito e desumanizam os outros”.

A ideia de que a aprendizagem é também um processo de cura, libertação e empoderamento ecoa diretamente na Insubordinação Criativa, que nasce do inconformismo diante de regras desumanizantes. Assim como Hooks (2019) valoriza a pluralidade de linguagens e perspectivas como recursos para fortalecer a vida coletiva, a Insubordinação Criativa enfatiza a necessidade de resistir a padrões que sufocam a diversidade. Tanto a reflexão de Hooks (2019) quanto a proposta da Insubordinação Criativa apontam para a importância de criar condições que possibilitem a emergência de ações ousadas, capazes de abrir novos horizontes de convivência e transformação social. Ao se autorizarem a questionar, reinterpretar e propor novas formas de convivência, as pessoas instauram rupturas que enfraquecem os efeitos da opressão e abrem espaço para alternativas solidárias. Esse movimento, mais do que uma negação das normas estabelecidas, representa um compromisso ético e moral com a construção de novas possibilidades de existência, nas quais a diversidade e a dignidade humana assumem centralidade.

Para Freire (2018), é inadiável a construção de uma ampla conscientização das massas, capaz de conduzir os sujeitos à reflexão crítica sobre seu tempo e seu espaço. Esse processo de autorreflexão

desencadeia a politização, tornando-os protagonistas de sua própria história. Estar no mundo, como lembra o autor, significa abrir-se à realidade, reconhecendo-se como ser de relações (Freire, 2018, p. 39). Nesse movimento, os indivíduos desenvolvem a capacidade de discernir o ontem, compreender o hoje e projetar o amanhã, situando-se em um fluxo temporal que alimenta sua consciência e sua ação.

A partir das relações com a realidade — por meio de atos de criação, recriação e decisão — os sujeitos não apenas interpretam o mundo, mas o transformam. É nesse processo que o espaço se temporaliza, a geografia se culturaliza e a existência se humaniza (Freire, 2018, p. 43). No entanto, para que essa humanização se concretize, é necessária uma consciência que desestabilize a passividade e mobilize ações coletivas. Assim, as conquistas sociais e políticas não se limitam a se adaptar a estruturas já existentes, mas se tornam resultado da capacidade de subverter, com responsabilidade, os sistemas de dominação que insistem em manter a desigualdade.

Ainda, para Freire (2018), o diálogo é o caminho ativo e participante que possibilita a mudança de posturas. Ele não se reduz a uma troca de palavras, mas constitui-se em prática horizontal, enraizada em vínculos afetivos e solidários que mobilizam sujeitos em busca de objetivos comuns. O diálogo, quando vivido em sua plenitude, rompe com formas verticais de comunicação e se converte em prática emancipadora. Ao articular a qualidade das relações humanas com a possibilidade de engajamento político, ele estabelece um espaço fértil para resistências éticas e criativas.

Longe de ser rebeldia desmedida, a Insubordinação Criativa se apresenta como gesto consciente de resistência, sustentado por princípios éticos, morais e de justiça social. Essa postura, também reconhecida como subversão responsável ou desvio positivo, emerge quando sujeitos ou grupos se recusam a reproduzir estruturas opressoras e, em seu lugar, constroem alternativas que ampliam a dignidade, o pertencimento e a solidariedade. Trata-se, portanto, de uma prática que questiona normas cristalizadas e inaugura novos

modos de pensar e agir, reafirmando a pesquisa, a escuta e o diálogo como caminhos de transformação e de afirmação da vida coletiva.

O diálogo é, aqui, entendido como encontro de vozes que exige humildade, confiança mútua e abertura ao outro. Para Freire (1980), ele rompe com hierarquias autoritárias e convoca todos os envolvidos a se reconhecerem como corresponsáveis por seus percursos e por sua própria humanização. Assim, podemos perceber que, mais uma vez, a teoria se aproxima diretamente da Insubordinação Criativa, pois tanto o diálogo quanto a Insubordinação Criativa desafiam estruturas cristalizadas e instauram relações mais equânimes. Desse modo, quando ambos se entrelaçam, produzem resistências éticas e solidárias que diluem os efeitos da opressão e abrem espaço para novas formas de existência, nas quais a diversidade e a dignidade humana ocupam lugar central.

Dimensões da Insubordinação Criativa

A organização da Insubordinação Criativa em dimensões de interpretação não tem a finalidade de classificá-la em categorias estáveis ou hierárquicas, mas de propor uma estrutura conceitual aberta, capaz de acolher a complexidade de um fenômeno que se constitui sempre em diálogo com o contexto social. Tal escolha epistemológica responde à compreensão, sustentada por Freire (1980; 2018), hooks e D'Ambrosio, de que nenhuma prática educativa se realiza em abstração: ela é sempre histórica, cultural e politicamente situada, marcada por relações de poder e por disputas em torno do reconhecimento, da legitimidade e da possibilidade de agir no mundo. Assim, a Insubordinação Criativa não emerge como gesto espontâneo, mas como uma resposta ético-política a condições sociais que produzem silenciamentos, desigualdades e restrições à autonomia. Reconhecer essa condição situada é fundamental para compreender tanto sua potência transformadora quanto sua necessidade.

A dimensão filosófico-política da Insubordinação Criativa encontra nos escritos de Paulo Freire (1980; 2018) uma base teórica essencial. Freire afirma que o ser humano se constitui historicamente e que sua vocação ontológica é a de tornar-se mais, o que exige romper com condições sociais que negam sua humanidade. A insubordinação, nesse sentido, não é desobediência gratuita, mas exercício de liberdade em um mundo onde a liberdade é continuamente tensionada.

Além disso, para Freire (1980; 2018), a educação não é neutra; ela está posicionada diante das estruturas sociais que ampliam ou restringem a vida. Tal perspectiva relaciona diretamente insubordinação e responsabilidade ética: o sujeito que se insubordina

não o faz contra uma norma isolada, mas contra formas de organização social que perpetuam desigualdades.

Bell hooks (2019) aprofunda essa discussão ao evidenciar que o contexto social não é uniforme; ele é atravessado por marcadores como raça, classe, gênero e sexualidade, que produzem experiências radicalmente diferentes de poder e vulnerabilidade. Para ela, uma pedagogia engajada precisa incorporar esses marcadores, reconhecendo que o próprio ato de ensinar é uma intervenção na realidade social e que a insubordinação pode assumir a forma de tornar visível o que foi historicamente silenciado.

Já D'Ambrosio (2016) reforça que toda prática educativa é culturalmente situada e que a dignidade cultural é a base para uma educação que reconhece o outro como legítimo produtor de saberes. Sua crítica à hegemonia epistemológica lembra que normas, padrões e currículos não são neutros, mas instrumentos de manutenção de uma lógica de mundo que privilegia determinados grupos sociais e marginaliza outros. D'Ambrosio e Lopes (2015) afirmam explicitamente que a Insubordinação Criativa é uma resposta ética a políticas e práticas educativas que tentam homogeneizar sujeitos e culturas em nome de uma racionalidade tecnicista e excludente.

A dimensão epistemológica aprofunda a relação entre conhecimento, experiência e contexto social. Freire (1980) é resolutivo ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra: antes de compreender símbolos e conteúdos formais, os sujeitos interpretam e experienciam o mundo social, e é essa experiência concreta que fornece matéria para a reflexão crítica. Assim, o conhecimento não é mero acúmulo de informações, mas síntese cultural e social produzida na interação entre sujeitos situados.

Hooks (2019), ao reivindicar a legitimidade dos saberes marginalizados, reforça que toda epistemologia é politicamente implicada: certos discursos são historicamente validados enquanto outros são sistematicamente desqualificados. A Insubordinação Criativa, nesse campo, consiste em desafiar epistemologias

hegemônicas que se pretendem universais e neutras, quando na verdade refletem interesses e valores de grupos dominantes. D'Ambrosio (2016) amplia esse argumento ao propor que os saberes científicos, técnicos e acadêmicos são apenas uma das múltiplas formas de conhecimento existentes, e que a superação das “gaiolas” do conhecimento demanda reconhecer a contribuição de saberes culturais, práticos e comunitários. Isso implica deslocar a autoridade epistemológica para um lugar mais plural, rompendo com fronteiras disciplinares e com concepções reducionistas de racionalidade. D'Ambrosio e Lopes (2015) criticam a dissociação entre pesquisa e reflexão, apontando que a neutralidade científica é uma construção retórica que invisibiliza as condições sociais de produção do saber.

Na dimensão metodológica, o contexto social não é apenas referência, mas princípio orientador da ação educativa. Freire (1980) insiste que o diálogo e a problematização não são estratégias pedagógicas aplicáveis universalmente; eles são práticas políticas que só fazem sentido quando conectadas à realidade concreta dos educandos. É no encontro entre histórias de vida, experiências sociais e desejos de transformação que o método freireano se realiza. Hooks (2019), ao incluir a dimensão afetiva, evidencia que o processo educativo é profundamente relacional e que práticas pedagógicas emancipatórias precisam considerar as feridas sociais que os sujeitos carregam — feridas marcadas pelo racismo, sexismo, elitismo acadêmico e outras formas de opressão. Assim, insubordinar-se metodologicamente é recusar práticas que reproduzem exclusão, silenciamento ou desumanização.

D'Ambrosio (2016) argumenta que a complexidade do mundo contemporâneo exige métodos que articulem múltiplas áreas do saber e que reconheçam a educação como prática voltada à paz, à solidariedade e à compreensão intercultural. Desse modo, a metodologia da Insubordinação Criativa emerge como princípio de ação que valoriza a pluralidade, legitima os saberes locais e promove uma leitura ampliada da realidade social.

A dimensão da ação e transformação integra teoria e prática, mostrando como a insubordinação se expressa em respostas concretas às condições sociais. Para Freire (1980), o processo de conscientização é o movimento pelo qual os sujeitos compreendem sua situação histórica e assumem sua capacidade de ação, rompendo com a passividade que lhes foi imposta. Hooks (2019) reforça que transformar o espaço educativo em um ambiente verdadeiramente democrático exige desafiar hierarquias e práticas sociais que silenciam determinadas vozes. Isso implica criar condições para que sujeitos historicamente marginalizados não apenas participem, mas sejam reconhecidos como agentes epistêmicos e políticos. D'Ambrosio (2016) aponta que produzir saber a partir da cultura e do cotidiano é, por si só, uma forma de ação transformadora, pois rompe com padrões de universalidade que ignoram a diversidade humana. D'Ambrosio e Lopes (2015) afirmam que práticas pedagógicas insubordinadas emergem quando educadores questionam normas institucionais que ferem princípios de equidade, dignidade e justiça social, propondo alternativas que transformam não apenas o fazer pedagógico, mas também as condições sociais que o sustentam.

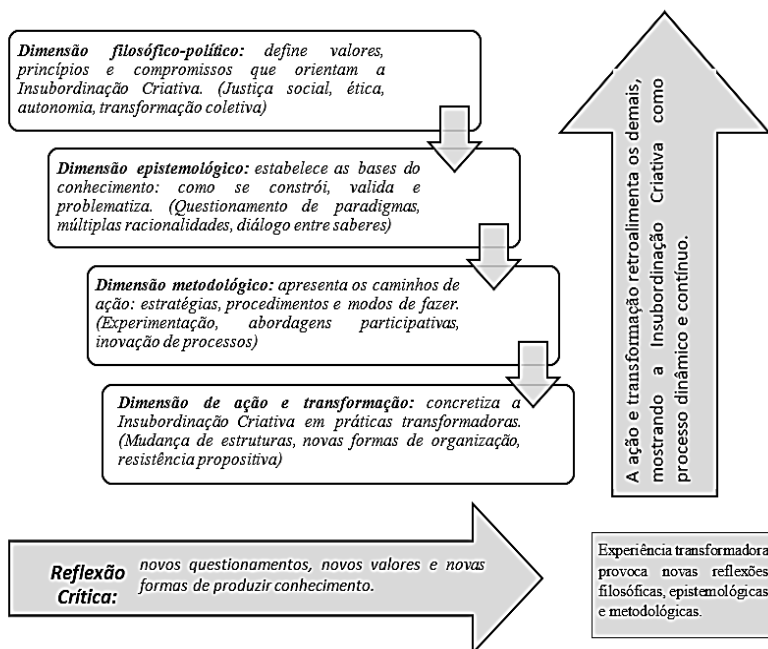
Assim, concebidas de maneira integrada e interdependente, essas quatro dimensões permitem compreender a Insubordinação Criativa como um referencial ético, epistemológico e político profundamente enraizado no contexto social.

A Insubordinação Criativa não é rebeldia individual nem inovação despolitizada; é resposta coletiva, situada e responsável diante de estruturas sociais que precisam ser confrontadas e reinventadas.

O contexto social, portanto, não é um pano de fundo, mas o elemento que articula, tensiona e dá sentido a cada uma das dimensões. Uma postura criativamente insubordinada afirma a dignidade humana, amplia horizontes epistemológicos e propõe modos de existir e educar que reconhecem, acolhem e transformam a complexidade do mundo.

Nesse sentido, o fluxograma a seguir (Figura 1) apresenta possíveis dimensões da Insubordinação Criativa em uma perspectiva ampla, destacando seus aspectos conceituais e processuais.

Figura 1 – Dimensões possíveis para a mobilização do conceito de insubordinação criativa



Fonte: elaborado pela autora.

Dessa forma, as dimensões possíveis para a mobilização do conceito de insubordinação criativa se apresentam como um referencial múltiplo, articulando fundamentos éticos, concepções de conhecimento, modos de agir e ações transformadoras. Nessa perspectiva, a Insubordinação Criativa não se configura como um ato impulsivo ou meramente contestatório, mas como uma forma consciente e situada de resistência, que emerge do diálogo com a realidade vivida e se fundamenta na dignidade humana, na

solidariedade e na construção coletiva de novas possibilidades de existência.

Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq)

As experiências vividas e partilhadas no Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) evidenciam a potência da subversão responsável como prática coletiva, fortalecendo a produção de saberes que articulam ética, crítica e transformação. O Grupo de Pesquisa GIEL, nesse horizonte, tem se dedicado a explorar temáticas relacionadas à pesquisa, linguagem, educação e transformação social.

Embora a sigla GIEL o nome tenha sido escolhido por questões de sonoridade e identidade da sigla, sua orientação epistemológica, sob a liderança de Rubens Lacerda de Sá, adere claramente à transdisciplinaridade⁵. Sá (2024) critica a tendência de aprisionar os fenômenos investigados em moldes teóricos rígidos, representados metaforicamente como “Matrix” ou “cama procustiana”, que restringem as possibilidades de diálogo e de interação entre saberes diversos. Nessa crítica, Sá recorre à Miranda (2016) para evidenciar os limites de abordagens disciplinares que, apegadas a seus próprios paradigmas, reduzem objetos complexos a recortes previsíveis apenas para assegurar uma suposta cientificidade.

Para Sá (2024), esse fechamento epistemológico compromete a compreensão ampla e situada da realidade, inviabilizando

⁵ Segundo D’Ambrosio (2011), a transdisciplinaridade consiste em um movimento de superação das fronteiras entre as disciplinas, promovendo o diálogo entre diferentes formas de conhecimento — científico, artístico, filosófico e espiritual — em busca de uma compreensão mais ampla e ética da realidade. Trata-se de uma atitude de respeito, solidariedade e responsabilidade planetária, voltada à sustentabilidade da vida e à construção de uma nova consciência de saber e de ser no mundo.

investigações sobre fenômenos sócio-ontológicos. Ao defender a transdisciplinaridade como caminho ético e aberto, o autor propõe um horizonte de diálogo entre campos de conhecimento, favorecendo a pluralidade e o benefício de todos os atores envolvidos. Assim, ainda que a sigla do grupo mantenha o termo “interdisciplinar” por motivos de sonoridade, a prática investigativa e os princípios teórico-metodológicos do GIEL estão ancorados no compromisso com a transdisciplinaridade como fundamento epistemológico.

No caso específico do GIEL, a Figura 2 apresenta o quadro de identificação do grupo, conforme registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico⁶.

Figura 2 - Quadro de identificação do GIEL/CNPq

Identificação	
Situação do grupo:	Certificado
Ano de formação:	2016
Data da Situação:	11/04/2019 16:38
Data do último envio:	29/06/2024 17:12
Líder(es) do grupo:	Rubens Lacerda de Sá Diego Pinto de Sousa
Área predominante:	Linguística, Letras e Artes; Linguística
Instituição do grupo:	Instituto Federal de São Paulo - IFSP
Unidade:	IFSP - Campus Cubatão

Fonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5877423417604248

⁶ Disponível em: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5877423417604248

De acordo com o espelho do grupo de pesquisa publicado no CNPq encontramos a seguinte concepção:

Para além das relações binárias em pesquisas sociais, concebemos uma proposta em Estudos de Linguagem pluriteórica, hiper-flexível e que se pauta criticamente por eixos axiológica, metodológica e ontologicamente orientados, uma vez que o contato com o fenômeno é que indicará caminhos epistemológicos a serem trans, multi, pluri e interdisciplinarmente trilhados. Logo, essa proposta propiciará a descoberta de "[...] conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade" (Sousa Santos, 2008, p. 72). O assento na interdisciplinaridade como inspiração do fazer científico tem o fito de estabelecer pontes dialógicas com e entre distintos campos de saber (Bakhtin, 2003). Essa é nossa aposta para renúncias dicotômicas e positivistas dada a instabilidade do outro e do nós no fluxo global que interfaceia os processos de criação e que visam a perspectivar a produção social do conhecimento sobre a Linguagem (Blommaert, 2012).

Esse trecho revela fortes indícios de Insubordinação Criativa ao propor uma ruptura com as estruturas epistemológicas tradicionais e ao recusar as amarras do pensamento binário e positivista. Essa insubordinação se manifesta, em primeiro lugar, na rejeição explícita de dicotomias estáveis — como sujeito/objeto, teoria/método, linguagem/conhecimento — e na aposta em uma abordagem pluriteórica e hiperflexível, orientada pela abertura à complexidade do fenômeno estudado. Ao deslocar o centro de gravidade da teoria para o fenômeno, o GIEL desafia modelos hierárquicos de conhecimento e propõe um fazer científico pautado pela escuta e pela fluidez.

A citação de Boaventura de Sousa Santos, com a ideia de “conceitos quentes que derretam fronteiras”, reforça essa postura indisciplinada diante da ciência moderna, ecoando um compromisso com a transgressão epistêmica e com a produção de saberes que escapem às delimitações tradicionais. Do mesmo modo, a valorização

da interdisciplinaridade — entendida não apenas como soma de áreas, mas como espaço de criação e hibridismo — confirma a recusa de formas enrijecidas de pensar o conhecimento.

Além disso, a transdisciplinaridade do GIEL se sobrepõe ao percebemos que as discussões e pesquisas do grupo navegam entre diferentes áreas do conhecimento, articulando saberes de forma fluida e integrada. Essa transdisciplinaridade pode ser compreendida à luz da metáfora proposta por Ubiratan D’Ambrosio sobre as “gaiolas epistemológicas”: há pássaros que voam livremente entre as árvores, explorando múltiplas paisagens e possibilidades, e há outros que permanecem confinados, limitando-se ao que lhes é servido e desconhecendo até mesmo a cor de sua própria prisão. Como afirma D’Ambrosio (2016, p. 224):

Os pássaros só vêem e sentem o que as grades permitem, só se alimentam do que encontram na gaiola, só voam no espaço da gaiola, só se comunicam numa linguagem conhecida por eles, procriam e reproduzem na gaiola. Mas não sabem de que cor a gaiola é pintada por fora.

Assim, ao transpor fronteiras disciplinares e promover diálogos para além das limitações impostas por campos isolados, o GIEL também se caracteriza como criativamente insubordinado, desafiando limites estabelecidos e ampliando as possibilidades de produção de conhecimento. Em conversa com o líder do grupo — um pesquisador-a-dor⁷ irreverente —, foi mencionado que o grupo navega livremente entre diferentes áreas do conhecimento, rompendo com barreiras disciplinares e incorporando perspectivas plurais. Nessa mesma conversa, o pesquisador afirmou:

Considero-me um docente cuja postura e prática é criativamente insubordinada. Minha atuação se caracteriza pelo questionamento

⁷ Conceito proposto por Sá (2020), o termo pesquisador-a-dor social une pesquisador e dor, expressando o compromisso ético e afetivo do cientista com o sofrimento humano e a transformação social.

das normas estabelecidas, pois não aceito seguir passivamente diretrizes burocráticas sem refletir sobre sua validade e impacto no processo de ensino-aprendizagem, sem considerar alternativas mais eficazes para garantir a efetividade da proposta. Minha prática pedagógica é marcada pela criatividade, desenvolvendo metodologias inovadoras que desafiam padrões tradicionais e tornam o ensino-aprendizado mais envolvente e transformador. Atuo com autonomia crítica, pautando minhas decisões em princípios pedagógicos sólidos e valores éticos, ainda que isso implique contrariar certas regras institucionais. O compromisso com meus discentes está acima da rigidez curricular ou das exigências administrativas. Priorizo sua educação integral e busco estratégias que os incentivem a pensar criticamente e a se apropriarem ativamente do conhecimento. Minha resistência não é meramente oposicional; ela se traduz na proposição de soluções e práticas que demonstram a viabilidade de mudanças necessárias dentro do sistema educacional. Além disso, compreendo a educação como um espaço de transformação social. Por isso, engajo-me ativamente em debates e ações que promovam a participação dos estudantes e ampliem sua consciência crítica. Assim, minha insubordinação não é apenas uma recusa ao estabelecido, mas uma forma de reafirmar a potência da educação como ferramenta de mudança social (Rubens Lacerda de Sá).

Essa fala evidencia que a atuação do líder do GIEL transcende a mera contestação, assumindo um caráter propositivo e transformador, alinhado a princípios éticos, à autonomia investigativa e ao compromisso com a construção integral do conhecimento. Simultaneamente, reafirma a transdisciplinaridade do grupo como postura epistemológica e política, conferindo-lhe o caráter de Insubordinação Criativa.

O trecho revela, portanto, uma atitude clara de resistência criativa às convenções da ciência ocidental moderna, ao mesmo tempo em que propõe uma reinvenção do fazer científico — mais dialógico, sensível às diferenças e implicado com a instabilidade do real. Tal postura configura um gesto de Insubordinação Criativa que

reposiciona os Estudos de Linguagem em um horizonte crítico e transformador.

As linhas de pesquisa do grupo são:

Figura 3 - Linhas de pesquisa do GIEL

Nome da linha de pesquisa	Quantidade de Estudantes	Quantidade de Pesquisadores
Linguagem e Educação	3	6
Digital Education	2	6
Estudos de Discurso	5	5
Filosofia da Migração	11	3
Inclusão Social e Vulnerabilidades	9	6
Linguagem, Cultura e Sociedade	7	11
Português Brasileiro	1	6
Práxis Anticolonial	6	1

Fonte: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/587742341760424

Após essa caracterização do GIEL, apresento, a seguir, um panorama das produções acadêmicas de seus pesquisadores, a partir do mapeamento realizado nos currículos Lattes e na Base de Teses e Dissertações do CNPq.

A partir dessa sistematização, foram selecionados excertos que evidenciam, de forma explícita ou implícita, uma postura que se aproxima do que entendemos como Insubordinação Criativa — seja pela ruptura com padrões epistemológicos tradicionais, seja pela proposição de práticas e perspectivas inovadoras no campo da pesquisa e da docência.

Insubordinação Criativa e a revisão sistemática

Tomando como exemplo de revisões sistemáticas as pesquisas de Souza e Barbato (2017), Gomes e Caminha (2017) e Vieira (2022), cabe pontuar que a revisão sistemática se caracteriza como uma metodologia rigorosa, crítica e inclusiva, capaz de mapear tendências, identificar lacunas e propor avanços na produção científica. Souza e Barbato (2017) evidenciam sua relevância para pesquisas qualitativas com pessoas com deficiência intelectual, ressaltando a necessidade de maior protagonismo dos sujeitos e de metodologias multimétodo. Já Gomes e Caminha (2017) apresentam o método como alternativa transparente e reprodutível, apoiada em etapas bem definidas e em modelos internacionais, diferenciando-o das revisões narrativas e destacando a revisão integrativa como complemento. Vieira (2022), por sua vez, reafirma a revisão sistemática como estratégia fundamental para sintetizar evidências de forma confiável, contribuindo para tomadas de decisões baseadas em evidências, ainda que com desafios como a escassez de estudos primários e a necessidade de equipes qualificadas.

Nesse sentido, ao reconhecer o potencial da revisão sistemática como caminho metodológico para produzir conhecimento crítico e fundamentado, faz-se necessário também dialogar com referenciais teóricos que orientem a análise e interpretação dos dados. É nesse ponto que a escolha teórica deste estudo encontra inspiração na obra de Paulo Freire, cuja pedagogia crítica propõe uma educação dialógica, voltada à conscientização e à emancipação dos sujeitos historicamente oprimidos (Freire, 1980). Sua postura transgressora diante das estruturas tradicionais de poder e conhecimento orienta esta investigação, que busca compreender práticas comprometidas com a transformação social. De modo articulado, as reflexões de Hooks

(2019, 2021) sobre a ética amorosa, de Celi Lopes e Beatriz D’Ambrosio acerca da Insubordinação Criativa, Ubiratan D’Ambrosio (2015) sobre o papel das rupturas críticas reforçam a necessidade de compreender a pesquisa como prática de resistência e de emancipação e Paulo Freire (1980) com sua defesa da educação como prática de liberdade, fundada no movimento ação–reflexão–ação e na conscientização, reforçam a necessidade de compreender a pesquisa como prática de resistência e emancipação.

Com base nesses pressupostos, a presente revisão sistemática tem como objetivo analisar como os estudos desenvolvidos por pesquisadores vinculados ao GIEL expressam, em suas produções, a Insubordinação Criativa como atitude epistemológica e política, manifestando-se nas escolhas teóricas, metodológicas e narrativas dos trabalhos do grupo. Para isso, serão consideradas as seguintes questões orientadoras:

Quais concepções de pesquisa, linguagem e educação emergem nas pesquisas realizadas no âmbito do GIEL?

De que modo essas pesquisas dialogam com perspectivas críticas, especialmente com a plataforma filosófica freireana?

Quais contribuições os estudos do grupo oferecem para a construção de práticas comprometidas com a equidade social?

O princípio andino do *sumak kawsay* ou *suma qamaña* — traduzido como “bem viver” —, recuperado por Walsh (2011), enfatiza uma concepção de vida fundamentada em relações harmônicas, equitativas e solidárias entre seres humanos e com a natureza, valorizando a inter-relação entre saberes, culturas e racionalidades diversas. Essa perspectiva propõe superar dicotomias típicas da modernidade ocidental, como a separação entre humano e natureza ou entre saberes acadêmicos e populares, promovendo uma ética de convivência plural e justa. À luz dessa concepção, justifica-se a questão de pesquisa sobre as contribuições que os estudos do GIEL oferecem para a construção de práticas comprometidas com a justiça social. As reflexões do grupo, orientadas pela liderança de Rubens

Lacerda de Sá, dialogam diretamente com esse horizonte ético-epistemológico, ao buscar práticas investigativas e pedagógicas que favoreçam o diálogo intercultural, a equidade e a valorização de saberes plurais e situados.

Envoltos nesses questionamentos, os objetivos específicos deste estudo são:

a) Investigar como se manifesta uma postura que possa ser interpretada como Insubordinação Criativa nas produções dos pesquisadores do Grupo GIEL, identificando possíveis experiências⁸ que desencadeiem práticas subversivas em prol de outrem;

b) Levantar e analisar autores e conceitos mencionados nos estudos do GIEL que, mesmo sem nomear diretamente a Insubordinação Criativa, possam ser considerados variações ou expressões próximas dessa ideia, com base em seus fundamentos teóricos;

c) Compreender como elementos como a reflexão crítica, o compromisso ético e o bem-querer pelo outro se articulam nas práticas dos pesquisadores, revelando possíveis motivações para uma postura subversivamente criativa;

d) Identificar, com base nas análises, os principais traços e características que configurariam o perfil de uma pessoa potencialmente Insubordinada Criativamente, ainda que não nomeada dessa forma pelos próprios autores estudados.

Tendo em vista os objetivos delineados para esta pesquisa, foi estruturado um conjunto de parâmetros que orientou a busca, a seleção e a análise do material examinado. Esses parâmetros abrangem as

⁸ Sobre “experiência”, entendemos o termo como Larrosa Bondía, portanto, como antônimo do significado de informação, pois “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem pré- ver nem pré-dizer”. O sujeito deve sentir, se deixar arrebatado (Larrosa Bondía, 2002, p. 28).

fontes de dados, critérios de inclusão e exclusão, além dos resultados parciais e das lacunas observadas, os quais estão sistematizados no quadro a seguir:

Quadro 1 - Fontes de dados, critérios, resultados e lacunas

Categoria	Conteúdo
Fonte de dados	Currículo Lattes (mapear perfil, produção científica, trajetória profissional) e Base de Teses e Dissertações do CNPq.
Critérios de Inclusão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vinculação institucional – Estudos e pesquisas desenvolvidos por pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa GIEL, registrados no Lattes, eventos, publicações e produções científicas relacionadas ao grupo. 2. Relevância social – Trabalhos que abordem pensamento crítico, bem-querer, práticas pedagógicas emancipadoras e ações educativas em prol do outro. 3. Diálogo teórico – Estudos que dialoguem com autores que contribuam para a compreensão de práticas críticas e transformadoras. 4. Tipo de estudo – Pesquisas qualitativas, teóricas, relatos de experiência, entrevistas, reflexões e análises de práticas. 5. Recorte temporal – Publicações entre 2015-2025 (exceto obras clássicas). 6. Idioma – Português, inglês, francês ou espanhol. 7. Disponibilidade do texto – Acesso completo em plataformas acadêmicas, eventos, revistas indexadas, livros, capítulos ou repositórios institucionais.
Critérios de Exclusão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de relevância temática – Estudos sem relação direta ou indireta com Insubordinação Criativa, pensamento crítico, práticas pedagógicas emancipadoras ou ações voltadas ao bem comum; pesquisas sem diálogo teórico ou prático com autores da pedagogia crítica. 2. Desvinculação do GIEL – Trabalhos não produzidos por pesquisadores vinculados ao GIEL ou fora de suas

<p>linhas de pesquisa.</p> <p>3. Tipo e qualidade da publicação – Resumos de conferências, trabalhos em andamento, teses/dissertações não publicadas, textos não avaliados por pares; textos opinativos sem fundamentação teórica/metodológica clara.</p> <p>4. Recorte temporal – Publicações anteriores a 2015 (exceto obras clássicas).</p> <p>5. Idioma – Idiomas diferentes de português, inglês, francês ou espanhol.</p> <p>6. Acessibilidade e rigor metodológico – Trabalhos com metodologia inconsistente, ausência de dados relevantes ou textos indisponíveis integralmente.</p>
--

Fonte: elaborado pela autora.

Para a coleta de dados, foi utilizada a Plataforma Lattes do CNPq, por meio do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP), para identificar os pesquisadores vinculados ao GIEL e acessar seus currículos. A escolha dessa fonte se deve à sua abrangência na produção científica nacional. Outra fonte utilizada foi a Base de Teses e Dissertações do CNPq, a qual possibilitou localizar trabalhos acadêmicos relacionados ao tema da revisão. Para tanto, levamos em consideração as informações do espelho do grupo de pesquisa disponível no portal da Capes.

Figura 4 – Indicadores de recursos humanos

Indicadores de recursos humanos do grupo

Formação acadêmica	Pesquisadores	Estudantes	Técnicos	Colaboradores estrangeiros	Total
Doutorado	13	8	2	3	26
Mestrado	1	4	0	0	5
Mestrado Profissional	1	0	0	0	1
Especialização	1	0	0	0	1
Outros	0	2	0	0	2

Fonte: Portal da Capes.

A Insubordinação Criativa nas produções e caminhos dos pesquisadores

A sistematização dos resultados que apresentamos a seguir busca evidenciar de que maneira a postura de Insubordinação Criativa se manifesta nas trajetórias e produções dos pesquisadores do grupo investigado. Trata-se de percursos marcados pela coragem de questionar, pela ousadia de propor e pela ruptura com modelos cristalizados de fazer pesquisa. A Insubordinação Criativa, neste contexto, não se restringe a um conceito teórico, mas se expressa em escolhas metodológicas, em temáticas de investigação e em formas de escrita que desafiam padrões tradicionais e abrem espaço para novas possibilidades de construção do conhecimento.

Para tornar visível esse movimento, organizamos os pesquisadores segundo a data de sua inclusão no CNPq, de modo a acompanhar a historicidade do grupo e a consolidação de seus caminhos de pesquisa. Em cada apresentação, seguimos um padrão que contempla: a) o nome do pesquisador; b) o resumo constante em seu Currículo Lattes; c) o título de sua tese de doutorado; (d) exemplos de produções ou experiências significativas; e (e) uma leitura interpretativa que mostra como a Insubordinação Criativa se expressa em sua obra e em sua caminhada acadêmica.

Pesquisadores - doutores

Rubens Lacerda de Sá

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes:

Pesquisador do Educational Research Centre da Hamk University of Applied Sciences, Finlândia (HAMK). Docente e Pesquisador visitante da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, Portugal (IPB). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Docente e coordenador do Departamento de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Afiliado ao Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC), à Associação Internacional de Linguística do Português (AILP) e à Asociación de Estudios sobre Discurso y Sociedad (EDiSo). Pós-doutorado em Educação e Saúde (UNIFESP), Doutorado em Linguística Aplicada (UNICAMP), Mestrado em Linguística (UnB), Especialização no Ensino de Línguas para Fins Específicos (UFMT) e Graduação em Letras (UCCB). Líder do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Interesses de pesquisa: Filosofia da Migração, Práxis Anticolonial, Estudos de Discurso, Linguagem e Educação, Tecnologias Emergentes, Educação e Saúde.

Título de sua tese: Internacionalização, Hospitalidade e Ideologia: Por um Protocolo de Acesso, Acolhimento e Acompanhamento

Descrição geral: o autor afirma que não adere integralmente ao "gênero-tese" e se recusa a seguir o formato engessado e taxonômico esperado em trabalhos acadêmicos formais. Defende uma escrita hipertextual, dialógica, não linear, com forte presença de metáforas, alusões culturais e um estilo que mistura o científico, o poético e o filosófico. Isso pode ser melhor observado no detalhamento, a seguir:

Quadro 2 – Pesquisador Rubens

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
<p>Quebra proposital das Convenções do Gênero Tese</p>	<p>“Não vejo como plausível nem necessário que eu assumo, em meu processo de reflexão e escrita, um compromisso com um suposto lugar de perfeição e pureza científicas.” (SÁ, 2020, p. 12)</p>	<p>Aqui há uma ruptura consciente com o academicismo formalista, buscando um texto mais autêntico e criativo, mas ainda rigoroso. O pesquisador transforma a trajetória pessoal e acadêmica em parte estrutural da pesquisa, mesclando vivências, escolhas, percursos e percalços como elemento de construção teórica e metodológica.</p>
	<p>“Entendo ser providencial que [...] eu apresente ao leitor a fotografia de minha pesquisa, i.e., que eu narre qual foi o percurso trilhado e, por conseguinte, os percalços que foram vivenciados.” (SÁ, 2020, p. 11)</p>	<p>A pesquisa é assumidamente marcada por trajetórias pessoais e escolhas situadas, recusando a ideia de uma ciência neutra e impessoal.</p>
<p>Uso de metáforas</p>	<p>“Qual pesquis-a-dor social, optei por tomar a pílula vermelha.” (SÁ, 2020, p. 22)</p>	<p>Matrix é utilizada como metáfora contínua da realidade social e acadêmica, associando o campo da pesquisa à ruptura de ilusões e opressões invisíveis. Essa metáfora, recorrente, tensiona os limites entre o discurso acadêmico tradicional</p>

		e o discurso cultural e filosófico popular.
Crítica à gramática acadêmica positivista	<p>“O tecido societal acadêmico tende a gerar e gerir uma gramática taxonômica [...] que inadvertidamente inibe avanços, renovações e inovações.” (SÁ, 2020, p. 12)</p>	<p>O autor questiona a rigidez epistemológica da ciência e a tendência acadêmica de criar dicotomias e binarismos que engessam o pensamento. Ele propõe um movimento disruptivo para promover renovação dentro da própria estrutura acadêmica.</p>
Proposta de um Pesquis-a-dor Social	<p>“Pesquisará a dor alheia [...] com o fito de agir profilática, curativa ou até paliativamente, mas nunca esperando para a atuação post mortem.” (SÁ, 2020, p. 21)</p>	<p>A tese traz o conceito próprio de "pesquis-a-dor social", um neologismo que combina pesquisador + dor, defendendo um papel investigativo comprometido com o enfrentamento das dores sociais. Esse posicionamento rompe com a noção de pesquisa distante ou neutra, convocando o pesquisador a ser agente de transformação.</p>
Defesa de uma universidade heterogênea	<p>Inspirado em Derrida, o autor defende a universidade como um espaço de resistência, desconstrução e renovação, em oposição à visão institucional normatizada e tecnocrática. Aqui se evidencia a insubordinação criativa ao propor a reinvenção do espaço acadêmico como campo de luta e transformação, e não apenas de reprodução do status quo.</p>	
Flexibilidade Metodológica e Teórica	<p>“Entendo, então, que, no gênero-tese, o modo de se fazer pesquisa e suas etapas devem ser</p>	<p>A pesquisa passa por inúmeras reformulações ao longo do percurso, refletindo abertura para ouvir os dados e reformular teorias e métodos</p>

	ressignificados.” (SÁ, 2020, p. 19)	conforme o fenômeno investigado se apresenta. Recusa da linearidade e do método rígido; aceitação do caráter processual e mutável da investigação.
Transdisciplinaridade e Polifonia Epistemológica	“Coloco na mesma roda de conversa autores que, aparente ou convencionalmente, não dialogam entre si.” (SÁ, 2020, p. 14)	Coloca autores de diferentes correntes teóricas e epistemológicas em diálogo, mesmo que de campos ou visões aparentemente inconciliáveis, em defesa de uma ciência aberta ao confronto produtivo. Ruptura com o pensamento único e defesa do pluralismo e da convivência entre divergências epistemológicas.

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Escrevendo de forma hipertextual, dialógica e poética;
- Transformando a trajetória pessoal em argumento científico;
- Utilizando metáforas culturais como elemento de construção teórica;
- Criticando abertamente o academicismo engessado e as dicotomias científicas;
- Defendendo um pesquisador engajado socialmente;
- Propondo uma universidade reinventada e resistente;
- Rejeitando metodologias lineares e abrindo-se ao imprevisível;
- Promovendo o diálogo entre teorias, mesmo as aparentemente incompatíveis.

Cristiane Freire de Sá

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Pesquisadora no projeto EMBRACE (Educational Modernization Brazil, Colombia, Europe – The new era of digital cooperation in higher education) pelo IFSP, em parceria com a HAMK University of Applied Sciences (Finlândia). Coordena a área de Design Instrucional na equipe IFSP do projeto COSAIC e atua como editora de publicações científicas na EDIFSP. Possui ampla experiência em gestão de projetos educacionais, docência em cursos de pós-graduação e extensão, além de atuação cultural em coletivos de leitura. Doutora e mestra em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, dedica-se às temáticas de design de experiências de aprendizagem, cibercultura, formação tecnológica docente, narrativas digitais, jogos cooperativos e gamificação.

Título de sua tese: Laboratório de Cultura e Linguagem Lúdica na Aprendizagem: Experiência, Design Educacional Complexo e RPG como Mediadores Pedagógicos.

Descrição geral: A pesquisa desenvolvida pela autora investiga a experiência lúdica vivida por quatorze educadores participantes de um curso on-line fundamentado no Design Educacional Complexo (DEC) e organizado a partir da estrutura narrativa e interativa do RPG (Role-Playing Game). O estudo propõe uma ruptura significativa com modelos tradicionais de formação, ao compreender o jogo não como mero recurso motivacional, mas como experiência epistêmica, espaço de corporeidade, afeto, interação e tomada de decisão.

Ao articular autores como Salen, Zimmermann, Morin, Dewey, Benjamin, Huizinga, Varela e Maturana — todos vinculados à noção de experiência, complexidade, jogo e cognição — a pesquisadora inscreve sua investigação em uma perspectiva que desafia o paradigma tecnicista ainda dominante na educação a distância. Em lugar de conteúdos fragmentados e metodologias lineares, o curso investigado incorpora complexidade, incerteza, sensibilidade,

narrativa e cooperação, promovendo uma aprendizagem situada e experiencial. A adoção da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa confirma esse movimento ao assumir que o fenômeno educativo não pode ser reduzido a métricas, produtos ou descrições objetivistas, mas precisa ser interpretado em seu fluxo vivo, afetivo e relacional. Essa escolha metodológica evidencia uma postura crítica diante de correntes positivistas e reforça a potência transformadora da experiência lúdica na formação docente. Ao final, a pesquisa resulta na criação do LórDE (Laboratório de Design Educativo), um sistema de RPG educativo que articula teoria, prática e narrativa como estratégia de promoção de experiências formativas complexas. Essa inovação representa um gesto claro de Insubordinação Criativa, pois desafia fronteiras entre jogo e educação, entre rigor e ludicidade, e entre ciência e imaginação.

Quadro 2 – Pesquisadora Cristiane

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo (do resumo)	Comentários analítico-teóricos
Ruptura com modelos tradicionais de formação docente	<i>“Curso desenhado a partir dos elementos do RPG (...) e fundamentado no Design Educacional Complexo.”</i>	Ao utilizar RPG como estrutura formativa, a autora rompe com a linearidade tradicional dos cursos on-line e desafia a lógica prescritiva da EaD tradicional.
Valorização da experiência como eixo formativo	<i>“Investigar, descrever e interpretar a experiência lúdica vivenciada por quatorze educadores...”</i>	A centralidade da experiência — e não do conteúdo — desloca o foco da formação para uma perspectiva humanizada, situada e interativa.

<p>Rejeição de metodologias normativas</p>	<p><i>“Textualização e tematização embasadas na Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa.”</i></p>	<p>A escolha de uma metodologia interpretativa, aberta e complexa desafia o paradigma técnico-objetivista da pesquisa em educação.</p>
<p>Inovação metodológica e criação autoral</p>	<p><i>“Sistema de RPG educativo desenvolvido na investigação, denominado LórDE.”</i></p>	<p>A criação de um sistema próprio de RPG como metodologia reforça a dimensão criadora, propositiva e transformadora da pesquisa.</p>
<p>Integração entre ludicidade, narrativa e aprendizagem</p>	<p><i>“Experiências lúdicas educativas (...) baseadas no sistema LórDE.”</i></p>	<p>O estudo rompe dicotomias entre ludicidade e seriedade acadêmica, validando o jogo como prática rigorosa e formativa.</p>
<p>Perspectiva transdisciplinar</p>	<p>Uso de autores de áreas diferentes (cibercultura, fenomenologia, complexidade, ludologia).</p>	<p>A pesquisadora articula múltiplos saberes de modo fluido e crítico, afirmando o caráter transdisciplinar do design educacional.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Diego Pinto de Sousa

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan. Mestre em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso - PPGEL-UFMT (2014) com orientação da Prof. Dr. Simone de Jesus Padilha. Especialista em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo-UNASP-EC (2016). Especialista em Mídias Digitais para a Educação pela UFMT (2022). Graduado em Letras Português habilitação em Língua Espanhola Licenciatura plena pela UFMT (2010). É membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) e Professor de Educação Básica pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso - Seduc-MT. Tem interesse em pesquisas sobre linguagem, filosofia da linguagem, educação, morte e cibercultura a partir das teorias dialógica e pragmática.

Título de sua tese: Túmulos Virtuais e Educação para a Morte: Perspectiva Pragmático-Dialógica

Título de sua dissertação: Aquisição Dialógica da Linguagem: Palavra bakhtiniana

Descrição geral: Sousa (2024, p. 132), “Como visto, uma das poucas certezas que temos é a de que um caminho impossível de não ser trilhado para isso é a linguagem, visceralmente dialógica e performática. Nesse caminho irrevogável, em busca de uma educação para a morte via linguagem, outro elemento é inescapável: a alteridade. Em certo sentido entre a vida e a morte se encontra e se manifesta um outro, bem como uma linguagem com um outro: “Mas eu sei de uma coisas: meu caminho não sou eu, é o outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu ponto de chegada.” (LISPECTOR, 1999, p. 119.)

Quadro 3 – Pesquisador Diego

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
<p>Ruptura com Temáticas Tradicionais e Escolha de um Objeto Controvertido</p>	<p>O autor escolhe como foco acadêmico o fenômeno dos <i>Túmulos Virtuais</i>, tema contemporâneo, sensível e ainda marginal nos debates científicos. Ao abordar a morte no ciberespaço e a reconfiguração do luto, o autor rompe com temas consagrados da pesquisa e opta por uma discussão provocadora e socialmente incômoda. Isso já é, por si só, um ato de insubordinação criativa, pois questiona o que a ciência escolhe considerar relevante ou “digno” de investigação.</p>	
<p>Superação de Barreiras (Transdisciplinaridade)</p>	<p>“A natureza do fenômeno a ser estudado é, tal qual o fenômeno da linguagem, transdisciplinar.”</p>	<p>O autor declara que trabalha com uma perspectiva transdisciplinar, conectando linguística, filosofia, tecnologia, sociologia e educação, o que rompe com o isolamento acadêmico por áreas do saber. Essa atitude questiona a rigidez disciplinar tradicional e propõe uma construção do saber mais integrada, plural e ousada — um traço forte da insubordinação criativa.</p>
<p>Linguagem Metafórica e Narrativa Pessoal no Discurso Científico</p>	<p>“Essa marca, certamente, foi a semente para os estudos e análises presentes neste trabalho acadêmico (Sousa, 2024, p. 19).”</p>	<p>A inserção de experiências pessoais do autor, como o caso do amigo falecido e o impacto da morte no cotidiano escolar, rompe com o ideal de “distanciamento” científico, trazendo humanidade,</p>

		<p>sensibilidade e subjetividade ao discurso acadêmico. A metáfora da semente no lugar de “problema de pesquisa” sinaliza uma insubordinação criativa na forma de apresentar a motivação e o percurso científico.</p>
<p>Crítica à Indústria da Morte Virtual e ao Mercado do Luto</p>	<p>“É preciso destacar a inserção da lógica de mercado na prática do luto, vendo-o como um produto comercial (Sousa, 2024, p. 16)”</p>	<p>Ao apontar como o luto se torna também um produto, o autor critica a mercantilização da dor e da memória no ambiente digital. Esse posicionamento revela uma insubordinação crítica a <i>status quo</i> das redes sociais e dos mecanismos que lucram com a morte e o sofrimento humano.</p>
<p>Proposição de uma Educação para a Morte</p>	<p>A defesa de uma “educação para a morte” como necessidade social é, por si só, uma provocação disruptiva. Em um contexto no qual o tema é tabu, o autor propõe que a escola e a sociedade preparem as pessoas para lidar com o morrer — o que desafia as normas educacionais e culturais vigentes. Essa proposta representa insubordinação criativa ao pensar a educação para além do utilitarismo técnico e econômico, incorporando temas existenciais, filosóficos e humanizadores.</p>	

<p>Diálogo Epistemológico não Ortodoxo</p>	<p>“A confluência entre Dialogia e outros pressupostos teóricos, a nosso ver, produzirá a plataforma teórico-analítica apropriada (Sousa, 2024, p. 16)”</p>	<p>Ao unir Mikhail Bakhtin, John Austin, Vilém Flusser, Pierre Lévy, Martin Heidegger, Emmanuel Lévinas e outros pensadores de campos diferentes, o autor promove um cruzamento epistemológico que foge do academicismo rígido e hierárquico. Esse movimento recusa modelos teóricos fechados e propõe uma epistemologia aberta, relacional e dialógica — outro sinal claro de insubordinação criativa.</p>
---	---	---

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Escolha de um tema socialmente sensível e academicamente marginal (Túmulos Virtuais);
- Utilização de experiências pessoais como parte do discurso científico;
- Crítica à mercantilização do luto e da memória nas redes sociais;
- Defesa de uma educação para a morte, rompendo com tabus sociais e escolares;
- Abordagem transdisciplinar e epistemologicamente ousada, articulando teorias de diferentes origens;
- Linguagem metafórica e poética em um texto acadêmico, quebrando o formato técnico convencional.

Elkerlane Martins de Araújo Moraes

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: É graduada em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, com complementação dos estudos na Flórida Gulf Coast University, por meio do Swiss International Teacher's program, e na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3 com o curso de Língua e Cultura Francesa. Possui mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2010) e doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). É professora de Língua Inglesa e Portuguesa no Instituto Federal do Tocantins onde atuou na Assessoria para Assuntos e Projetos Internacionais e como coordenadora institucional dos programas Ciência sem Fronteiras e Inglês sem Fronteiras por dois anos consecutivos. Desenvolve pesquisa na área de Letras, com ênfase em Língua Estrangeira, atuando principalmente em Políticas Linguísticas de internacionalização da Educação, Formação Docente e metodologias de ensino de língua inglesa.

Título de sua tese: Deixa-me ir e vir, canta o rouxinol: reminiscências docentes e política linguística de internacionalização para uma ciência sem fronteiras.

Descrição geral: Moraes (2028, p. 24): Com isso em vista, a partir de minha experiência de ensino no contexto de instituições públicas no Estado do Tocantins, contexto no qual discorro, *a posteriori* (item 1.2), principio apresentando minha acepção basilar para a condução desta escrita, a qual se assenta dobre a premissa de que, *a experiência, e não a 'verdade', é que dá sentido à escritura. Digamos, como Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que este ato de escritura, essas experiências em palavras nos permitam libertar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo (LARROSA E KOHAN, 2002, P. 02, grifo da autora)*. De tal modo, faço a seguir uma adaptação do conto do Rouxinol e o imperador Chinês, de Andersen (1996), com o fito de ilustrar o

percurso do texto, os temas de pesquisa e a finalidade do trabalho. Ela em síntese.

Quadro 4 – Pesquisadora Erkerlane

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
<p>Uso Metafórico e Poético do Discurso Acadêmico</p>	<p>"Podemos, por exemplo, utilizar os tons maiores, combinando com um ritmo mais acelerado (...) Mas também podemos utilizar os tons menores (...), para expressar a solidão com que muitas vezes concebemos nossas ideias (Moraes, 2028, p.16)."</p>	<p>Logo no início, a autora foge do padrão técnico e formal típico de introduções acadêmicas ao trazer metáforas musicais e literárias para falar de linguagem e educação. Esse movimento já representa uma insubordinação criativa ao romper com o formato engessado e adotar uma abordagem sensível, artística e crítica. Aqui, a autora ressignifica a linguagem acadêmica, dá espaço à subjetividade e cria um texto que convida ao questionamento e à reflexão crítica, rompendo com o tecnicismo esperado, mas sem perder o rigor.</p>
<p>Crítica Implícita às Políticas de Internacionalização</p>	<p>Ao usar o conto do Rouxinol de Andersen como metáfora, a autora posiciona o professor de Língua Inglesa como alguém "formatado por políticas educacionais que não lhe dão protagonismo". Esse trecho demonstra insubordinação criativa ao denunciar as contradições dessas políticas, mas por meio de metáforas e narrativas literárias, evitando o enfrentamento direto, mas provocando a reflexão.</p>	

<p>Exclusão do Professor nas Decisões Políticas</p>	<p>No capítulo dois, há a crítica à cultura de "simulação de aprendizagem" e à exclusão do professor de Língua Inglesa das discussões políticas. Essa crítica, ao invés de ser feita de forma combativa ou meramente contestatória, é construída dentro de uma proposta investigativa e propositiva, evidenciando o desejo de transformar a realidade — característica central da insubordinação criativa.</p>
<p>Proposta de um Planejamento Linguístico-Docente Alternativo</p>	<p>A autora sugere um novo planejamento linguístico-docente de internacionalização para o IFTO, algo que extrapola o discurso oficial e propõe caminhos concretos para reverter ou minimizar os efeitos das políticas globais que, segundo ela, negligenciam o professor. Essa é uma insubordinação criativa na prática, pois não se limita à denúncia, vai além: constrói alternativas.</p>
<p>Crítica ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)</p>	<p>Ao afirmar que o CsF negligenciou o papel do professor de Língua Inglesa na mediação da internacionalização, a autora faz uma crítica direta a uma política pública amplamente divulgada como inovadora. No entanto, essa crítica é feita de forma estruturada, com embasamento acadêmico, propondo reformulações ao invés de simples negação — outro traço de insubordinação criativa.</p>
<p>Reconfiguração do Conto do Rouxinol no Final</p>	<p>A autora encerra a tese adaptando o conto de Andersen ao contexto da pesquisa. Aqui, tem-se uma forma simbólica de insubordinação criativa: ela toma uma narrativa tradicional, ressignifica-a dentro de um cenário de disputa política e acadêmica, usando a literatura como ferramenta de crítica e proposição.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Uso de metáforas e elementos literários para questionar o formato acadêmico tradicional;
- Crítica às políticas públicas que limitam o protagonismo docente;

- Defesa do papel ativo e crítico do professor na internacionalização;
- Construção de alternativas práticas para superar exclusões e limitações;
- Resgate e adaptação simbólica de narrativas (conto do Rouxinol) para potencializar a crítica social e acadêmica.

Gabriel Silva Nascimento

Título da pesquisa: Vygotsky e Sokolyansky: Reconfigurações Teórico-Históricas da Educação de Surdos na Rússia Soviética

Descrição geral da pesquisa: A pesquisa conduzida pelo autor revisita criticamente as bases teóricas da educação de surdos na tradição soviética, examinando a mudança de perspectiva presente na obra de Lev Vygotsky entre 1924 e 1925 e sua relação com a produção teórico-prática de Ivan Sokolyansky, um dos principais – e frequentemente esquecidos – pesquisadores da defectologia soviética. A investigação propõe uma leitura histórica, política e epistemológica da educação de surdos, superando dicotomias tradicionais que ora tratam a surdez como deficiência biológica, ora como diferença cultural dissociada de seus condicionantes socio-históricos. O estudo se destaca ao mobilizar fontes documentais raras do repositório da Biblioteca Digital Zagorsk, incluindo cartas, planos de aula, diários, fotografias e registros metodológicos que revelam a complexidade da atuação de Sokolyansky e sua defesa explícita do uso da língua de sinais – posição considerada disruptiva à época, em contraponto ao método oralista imposto pela orientação estatal soviética. Ao contrapor esses documentos às obras de Vygotsky, o pesquisador identifica uma via de mão dupla na construção de teorias sobre desenvolvimento humano e educação de surdos, desvelando influências mútuas que foram historicamente silenciadas. A pesquisa revela ainda que Sokolyansky foi alvo de apagamento político e científico decorrente de censuras, disputas ideológicas e campanhas de uniformização teórica da URSS. Ao resgatar sua obra, o autor não apenas reconstrói o cenário da defectologia soviética, mas propõe uma nova compreensão da constituição do sujeito surdo, superando o binarismo biológico-antropológico e introduzindo o conceito de surdo-soviético: uma identidade construída na interface entre língua, cultura, política e práticas educativas. Ao recuperar memórias, tensões, apagamentos e resistências presentes nesse período, a pesquisa assume uma postura crítica que se inscreve diretamente no

campo da Insubordinação Criativa, ao enfrentar discursos hegemônicos, visitar arquivos silenciados e propor uma reinterpretação histórica que desestabiliza narrativas dominantes sobre a educação de surdos.

Quadro 3 – Pesquisador Gabriel

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo / Síntese	Comentários analítico-teóricos
Resgate de Autores Silenciados pela História	A pesquisa evidencia o apagamento intencional da obra de Ivan Sokolyansky, invisibilizado por razões políticas e ideológicas no contexto soviético.	Resgatar um autor censurado é ato de resistência epistêmica e gesto ético de reconstrução da memória científica. Esse movimento rompe com a história oficial, revisita arquivos negligenciados e reafirma a pesquisa como instrumento de reparação intelectual e cultural.
Ruptura com o Binarismo Deficiência/Diferença	Ao propor a noção de “ser surdo-soviético”, o pesquisador ultrapassa o olhar reducionista que enquadra a surdez como mera deficiência biológica ou diferença antropológica isolada.	Trata-se de uma forma de insubordinação conceitual, pois desafia categorias fixas e propõe uma leitura complexa, dialógica e socio-histórica do sujeito surdo, reconhecendo sua constituição política, linguística e cultural.
Revisão Crítica da Canonização de Vygotsky	O estudo questiona as interpretações cristalizadas de Vygotsky, reexaminando seus escritos em diálogo com o pensamento e a prática de Sokolyansky.	Esse reposicionamento rompe com o culto ao “autor clássico”, recuperando o caráter dinâmico e contraditório da teoria histórico-cultural. É um gesto de insubordinação teórica que reabre o debate sobre os

		fundamentos da defectologia soviética.
Uso de Fontes Históricas Raras e Censuradas	A pesquisa mobiliza materiais inéditos — cartas, diários, planos de aula e fotografias do acervo da Biblioteca Digital Zagorsk.	A escolha metodológica de recorrer a fontes não canonizadas subverte os critérios tradicionais de legitimidade acadêmica. Essa postura reafirma o compromisso com uma ciência viva, aberta e contra-hegemônica.
Denúncia da Ideologia Política na Educação de Surdos	O autor mostra como o método oralista foi imposto pelo Estado soviético como instrumento de controle e propaganda.	Ao revelar a interferência política na pedagogia, o pesquisador pratica insubordinação ética, expondo como políticas educacionais podem reproduzir mecanismos de dominação. O gesto crítico visa libertar a educação das amarras ideológicas do poder.
Reinterpretação da Teoria Histórico-Cultural	A leitura contextualizada de Vygotsky revela a necessidade de compreender sua teoria como produto de tensões políticas e sociais.	O pesquisador tensiona o discurso acadêmico que transforma a teoria em dogma, restaurando sua dimensão humana, histórica e dialógica. É uma insubordinação ao determinismo teórico e ao positivismo metodológico.
Defesa da Língua de Sinais como Resistência Cultural	Sokolyansky é apresentado como defensor pioneiro do uso da língua de sinais, em oposição ao exclusivismo oralista do regime soviético.	Essa defesa representa insubordinação política e cultural, pois afirma o direito linguístico da comunidade surda. Ao legitimar a língua de sinais como expressão de identidade e autonomia, o pesquisador reafirma a

		educação como prática de libertação.
Por que é Insubordinação Criativa e não mera Rebelia	O estudo não se limita a contestar a história oficial ou denunciar o apagamento de Sokolyansky; propõe novas categorias analíticas e recupera sentidos humanos da educação.	Há fundamentação teórica sólida (Vygotsky, Sokolyansky, Morin, Freire), rigor metodológico e compromisso ético. A crítica é propositiva: transforma a denúncia em reconstrução, buscando ampliar horizontes epistemológicos e promover justiça his

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa na pesquisa?

- Ao resgatar autores apagados por censura e disputas político-ideológicas;
- Ao questionar leituras cristalizadas da obra de Vygotsky e propor novas interpretações;
- Ao confrontar o discurso estatal soviético que silenciou a língua de sinais;
- Ao problematizar o método oralista como dispositivo político e não apenas pedagógico;
- Ao propor o conceito de *surdo-soviético*, ampliando o debate identitário;
- Ao romper com a dicotomia deficiência/diferença e defender perspectivas complexas de constituição humana;
- Ao mobilizar arquivos raros e documentos não tradicionais como fontes legítimas de pesquisa;
- Ao tensionar estruturas acadêmicas que reproduzem apagamentos históricos.

David Juglieme Alves Nogueira

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Doutor em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Ciências da Religião (Religião, Cultura e Sociedade / Movimentos Sociais) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-GO). Possui graduação em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (STPJMC) e pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie (MACKENZIE), licenciado em História pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR), licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário das Américas (FAM), pós-graduado em Psicopedagogia Clínica e Educacional pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), pós-graduado em Pedagogia para Docência em Educação Profissional na Saúde pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), pós-graduado em Comunicação Empresarial e Institucional pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), pós-graduado em Comunicação Social: cultura e meios de comunicação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), pós-graduado em Marketing Estratégico (MACKENZIE). Membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Professor Universitário.

Título de sua tese: Exclusão-inclusão de migrantes bolivianos em contextos educacionais.

Descrição geral: este estudo, que buscou compreender os sentidos atribuídos por duas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental à exclusão-inclusão social e escolar de alunos migrantes bolivianos, revela um processo formativo que ultrapassa a simples adaptação pedagógica e se configura como um ato de resistência ética, cultural e política. Ancorada na Teoria Histórico-Cultural de Lev Vygotsky, a investigação evidencia que o desenvolvimento profissional e humano das docentes emerge do diálogo, da mediação e da reflexão coletiva, espaços nos quais a insubordinação criativa se manifesta como força transformadora. Ao revisitar suas próprias

práticas e significações, as professoras exercem uma autonomia crítica que desafia o silenciamento e a homogeneização escolar, assumindo posturas sensíveis às diferenças culturais e sociais dos estudantes migrantes. Esse gesto insubordinado rompe com modelos tradicionais de ensino que reproduzem exclusões e abre caminho para uma pedagogia colaborativa e humanizadora, na qual o ato de ensinar é também um ato de aprender e de ressignificar-se. Os resultados apontam para uma ressignificação do olhar e da prática docente, marcada pela autonomia, protagonismo e compromisso com a justiça social. Assim, o estudo reafirma que a insubordinação criativa, quando aliada à colaboração crítica, é um caminho potente para reinventar práticas inclusivas, promovendo uma escola que acolhe, reconhece e valoriza as múltiplas vozes que a compõem — especialmente aquelas historicamente marginalizadas.

Quadro 5 – pesquisador David

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Escolha da Pesquisa Crítica de Colaboração	"Recorremos à Pesquisa Crítica de Colaboração (...), pois compreendemos os participantes de pesquisa como colaboradores críticos que, ao discutirem as condições de exclusão-inclusão social-escolar de migrantes vivenciada no contexto brasileiro, contribuem para a transformação de seu contexto" (Nogueira, 2022, s.p.).	Aqui, há uma forma de insubordinação criativa ao se recusar uma metodologia tradicionalmente hierárquica e distante, optando por uma abordagem que rompe com a lógica de pesquisa sobre o outro , e passa a ser com o outro , dando espaço ao protagonismo e à voz dos sujeitos da prática. Esse movimento contesta o modelo acadêmico tradicional e propõe alternativas viáveis e comprometidas com a transformação.

<p>Transformação e Resignificação pela Reflexão Crítica</p>	<p>"Os resultados demonstram que ocorreu uma ressignificação no olhar dos participantes por meio do trabalho em colaboração crítica durante o processo" (Nogueira, 2022, s.p.).</p>	<p>Ressignificar o olhar significa romper com entendimentos cristalizados, muitas vezes naturalizados, sobre exclusão e inclusão social-escolar. Essa ruptura, feita de forma propositiva e crítica, representa um ato de insubordinação criativa, pois desafia visões institucionais rígidas e aposta no diálogo e na construção coletiva como meio de superação.</p>
<p>Exercício de Autonomia e Protagonismo Docente</p>	<p>"Esta ressignificação reflete-se no exercício da autonomia e do protagonismo em suas próprias histórias" (Nogueira, 2022, s.p.)</p>	<p>O incentivo à autonomia e ao protagonismo dos professores, principalmente em contextos marcados por políticas educacionais engessadas ou excludentes, é um exemplo clássico de insubordinação criativa: o professor se vê não apenas como executor de políticas, mas como sujeito crítico, capaz de questionar, adaptar e transformar sua prática e o próprio ambiente escolar.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Escolha de metodologias colaborativas que rompem com a lógica hierárquica da pesquisa;
- Resignificação de concepções cristalizadas sobre exclusão/inclusão social-escolar;
- Defesa do protagonismo docente como prática crítica, criativa e emancipatória.

Edu Dias da Silva

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Travesti. Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB, 2020), Mestra em Linguística Aplicada pela UnB (2014) e mestranda em Políticas Públicas para a Infância e Juventude (PPG-PPIJ/UnB). Especialista em Metodologia no Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (Centro Universitário Internacional UNINTER, 2013); em Administração, Coordenação e Supervisão Escolar (Faculdade UniBF, 2020); em Docência no Ensino de Literatura e em Educação Especial e Inclusiva (Faculdade UniBF, 2021). Licenciada em Letras Francês pela Universidade de Brasília (2006), em Letras Português/Inglês pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas de Valparaíso/GO (2017) e em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz FACIBRA (2015). Atuou como Supervisora Acadêmica de Língua Francesa no Programa Permanente de Extensão UnB Idiomas (2009-2014). Professora da Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e pesquisadora dos grupos GIEL e MULTI (CNPq). Tem experiência nas áreas de Linguística Aplicada, Literatura, Educação e Formação Docente, com ênfase nos seguintes temas: Didática de Línguas, Oralidade em LE/L2, Ensino e Aprendizagem de LE/L2, Práticas de Leitura, Gêneros Discursivos e Textuais, Direitos Humanos, (Multi)Letramentos, Transculturalidade em ambientes educativos e Formação de Professores em uma perspectiva transdisciplinar.

Título de sua tese: No jardim das leituras: similitudes e diferenças entre o lido e o vivido pelas formadoras de leitores do Distrito Federal? o caso da pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

Descrição geral: este estudo, com perspectiva da insubordinação criativa, teve como foco compreender e fortalecer o ensino de Literatura e as práticas de leitura literária a partir da experiência de professoras mediadoras do ensino público formal vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), revela um movimento de resistência e reinvenção no

campo da formação docente e leitora. Ao articular o vivido e o lido, o estudo reconhece que ensinar literatura é também um ato de autoria e emancipação, no qual a professora leitora se insubordina aos modelos tradicionais e tecnicistas de ensino, assumindo a afetividade, a subjetividade e a experiência estética como dimensões legítimas da prática pedagógica. Nesse gesto, o “ler” e o “viver” entrelaçam-se criativamente, rompendo fronteiras entre o saber acadêmico e o sensível, o pessoal e o coletivo, o instituído e o inventado. Sob essa ótica, a insubordinação criativa se manifesta- como potência formativa e política: ao transformar a leitura literária em espaço de diálogo e liberdade, as professoras desafiam as hierarquias do conhecimento e reafirmam o papel da literatura como prática social e humanizadora. Assim, o estudo evidencia que formar leitores implica também formar sujeitos críticos e sensíveis, capazes de recriar o mundo pela palavra e pela imaginação — um gesto insurgente que torna o ato de ler e ensinar literatura uma ação criativa de resistência e libertação.

Quadro 6 – Pesquisadora Edu

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Ruptura com a linguagem acadêmica tradicional	“Este trabalho de tese começa com a apresentação do pequeno girassol que almeja um dia ser um girassol-rei, não para governar o saber, mas para fazer a diferença em pequenos terrenos abandonados (...), campos férteis e sedentos por conhecimento” (Silva, 2020, p.22).	Desde o início, ao intitular a introdução como “ <i>Preparando o Solo</i> ”, a autora insere metáforas de jardinagem, florescimento, sementes, campo fértil e colheita para se referir à pesquisa, à trajetória pessoal e à produção de conhecimento. Essa escolha, ao mesmo tempo poética e política, rompe com o padrão rígido e formal de textos acadêmicos, configurando uma insubordinação criativa estética e epistemológica. A autora

		<p>contesta o elitismo do saber acadêmico e propõe que o conhecimento floresça onde há abandono, ou seja, rompe com o academicismo excludente.</p>
<p>Crítica às barreiras entre o pessoal e o profissional</p>	<p>A autora afirma que “elaborar um relato de si é reconstruir a própria existência”, (Silva, 2020, p.22) e reconhece que sua trajetória envolve “quebras de paradigmas” e relações pessoais e profissionais inseparáveis. Isso desafia a expectativa acadêmica de objetividade e distanciamento e representa uma insubordinação criativa ao valorizar o saber situado e experiencial.</p>	
<p>Transdisciplinaridade</p>	<p>A autora adota e defende a transdisciplinaridade como um movimento que supera os territórios delimitados por cada disciplina, criando um conhecimento interligado, sistêmico e humanizado. Essa defesa da transdisciplinaridade, ao invés do saber fragmentado, é uma insubordinação criativa que questiona os muros acadêmicos e propõe diálogos entre campos.</p>	
<p>Posicionamento político sobre questões de gênero</p>	<p>A autora entra diretamente no debate sobre gênero e afirma: “É indispensável o questionamento, se existe ideologia de gênero ou questão de gênero?” (Silva, 2020, p.27). E mais adiante, traz Simone de Beauvoir, Judith Butler e Paulo Freire para confrontar discursos conservadores que distorcem o debate de gênero. Aqui, temos uma insubordinação criativa ao desafiar discursos normativos, ao trazer o debate crítico de gênero para o ambiente acadêmico, apesar das resistências sociais e institucionais.</p>	
<p>Resgate do papel crítico do professor como intelectual transformador</p>	<p>“Devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar e quais são as metas mais</p>	<p>A autora recorre a Giroux (1997) para defender que os professores são intelectuais, não apenas técnicos. Ao reivindicar esse papel crítico e transformador para as formadoras de leitores, insere</p>

	amplas pelas quais estão lutando” (Silva, 2020, p. 33).	uma insubordinação criativa no cerne do debate educacional. É uma recusa explícita da docência técnica e uma proposição de uma docência crítica, engajada e criativa.
Rejeição do encerramento : “Replantar para a próxima primavera”	“Apresentam-se como um desejo, ou quiçá uma promessa, de que sejam possíveis outros jardins para novas flores e sementes, novos frutos, novas formações e novas subjetividades” (Silva, 2020, p. 33).	As considerações finais não são conclusivas, mas abertas, metafóricas, intencionalmente inacabadas. Aqui, a insubordinação criativa se expressa no próprio formato da conclusão, que rejeita a ideia de encerramento absoluto e convida ao contínuo florescimento do pensamento.

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Uso consciente de metáforas que rompem com o formato acadêmico tradicional;
- Valorização da trajetória pessoal como parte da produção científica;
- Defesa de uma transdisciplinaridade que rompe barreiras entre campos de saber;
- Posicionamento crítico no debate de gênero e combate a discursos conservadores;
- Reivindicação do professor como agente intelectual e político;
- Rejeição de um fechamento definitivo para a pesquisa, apostando em novos ciclos.

Moisés Carlos de Amorim

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Posuo graduação em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso (2010). Sou mestre em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-UFMT) e Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT). Tenho experiência no ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Interesse-me pelo estudo de literatura e realidade social, mitos no imaginário poético, teorias críticas pós-coloniais e decoloniais, filosofia da linguagem etc. Sou membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq).

Título de sua tese: A construção do espaço em D. Aquino Corrêa, Silva Freire e Manoel de Barros: Imaginário e Pós-Colonialismo

Descrição geral: entrelaçado à perspectiva da insubordinação criativa, este estudo sobre a construção do espaço regional nas obras de D. Aquino Corrêa, Silva Freire e Manoel de Barros, à luz da teoria do Imaginário e do Pós-colonialismo, revela uma poética que desafia fronteiras simbólicas e epistemológicas, instaurando novas formas de pensar o regional e o universal. Cada autor, ao reelaborar mitos e imagens arquetípicas (Jung, 2012), pratica um gesto de insubordinação estética e cultural, rompendo com visões colonizadoras e abrindo caminhos para uma releitura crítica e emancipatória da identidade mato-grossense. Sob a ótica da insubordinação criativa, o movimento poético desses autores pode ser compreendido como ato de resistência intelectual e sensível, que questiona o sistema-mundo colonial moderno e propõe outras formas de habitar e narrar o espaço. Em D. Aquino Corrêa, o paraíso colonizado se torna símbolo da tensão entre fé e conquista; em Silva Freire, o arquétipo da “Grande Mãe” traduz o cuidado e a vitalidade do povo; e em Manoel de Barros, o olhar miniaturizado sobre a natureza subverte a lógica do poder e da grandiosidade, reafirmando a potência do insignificante como forma de insurgência poética.

Quadro 7 – Pesquisador Moisés

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Desafiar a colonialidade do saber e do poder	O autor propõe “construir uma gnose liminar da margem, que ultrapasse o estágio da colonialidade do poder” (Mignolo, 2002).	Aqui, está um dos pontos mais explícitos de insubordinação criativa: a recusa em aceitar o saber produzido exclusivamente pelos centros hegemônicos e o esforço em valorizar, poetizar e reinventar a margem, o espaço regional, o "não centro". A tese não apenas critica a colonialidade, bem além disso, propõe alternativas criativas ancoradas no imaginário e na poética regional.
Resgate do Imaginário e dos Arquétipos Regionais como ato político	Ao investigar o espaço regional por meio de imagens arquetípicas e mitos, o autor insere, no debate acadêmico, saberes simbólicos, culturais e subjetivos que muitas vezes são deslegitimados pelo discurso científico hegemônico. Isso representa uma insubordinação criativa ao valorizar dimensões do saber que fogem ao racionalismo e ao tecnicismo acadêmico tradicional, sem abrir mão do rigor analítico. Especialmente na análise de Manoel de Barros, o espaço simbólico é descrito como miniaturizado, oposto aos centros do poder capitalista, evidenciando uma inversão das hierarquias convencionais. Essa perspectiva propõe uma poética que desloca o olhar, dá centralidade ao pequeno, ao marginal, ao regional — rompendo com a visão de progresso e grandeza associada às metrópoles e ao poder econômico.	

<p>Integração do Imaginário e Pós-colonialismo</p>	<p>A união entre o pensamento do imaginário (Jung) e a crítica pós-colonial (Mignolo) é, por si só, uma insubordinação criativa, pois quebra o isolamento das escolas teóricas e constrói uma abordagem híbrida, situada e crítica. Esse gesto interdisciplinar reconfigura o debate acadêmico, apostando em alianças conceituais improváveis para compreender a complexidade do espaço, da identidade e da cultura regional.</p>
<p>Valorização do Cotidiano e da Oralidade Regional</p>	<p>Ao destacar que a poesia de Silva Freire traz o arquétipo da “Grande Mãe” como cuidadora do povo e da invenção cotidiana da vida, o autor rompe com o academicismo elitista e afirma a legitimidade das experiências populares e locais na produção de sentido e de arte. Isso evidencia uma insubordinação criativa que transforma o cotidiano e o saber popular em fonte de conhecimento, em oposição às hierarquias tradicionais do saber acadêmico.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Questionamento da colonialidade e do saber hegemônico;
- Valorização do imaginário, dos mitos e da cultura regional como fontes legítimas de conhecimento;
- Reinterpretação das relações de poder entre centro e periferia;
- Integração ousada de campos teóricos distintos (JUNG, 2012c + Mignolo, 2002);
- Resgate da oralidade, do cotidiano e da simbologia popular como formas de resistência e recriação.

Paulo José Evaristo da Silva

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Pesquisador do Educational Research Centre da Hamk University of Applied Sciences, Finlândia (HAMK), Coordenador na Área de Implementação no Ambiente Virtual de Aprendizagem em Projeto de Inovação pela Escola Nacional de Administração Pública ENAP e Instituto Federal de São Paulo IFSP, onde também atua como Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Possui Graduação em Sistemas Para Internet pelo Instituto Federal de São Paulo IFSP (2013) e Graduação em Matemática pelo Centro Universitário UNIFEOB (2007). Possui Especialização em Design Instrucional para EAD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá UNIFEI (2010). É Professor EBTT, Câmpus São João da Boa Vista, do Instituto Federal de São Paulo. Foi Diretor de Educação a Distância de 2015 a 2022 do Centro de Referência em Educação a Distância (DED-CEAD) no IFSP. Tem Experiência na Área de Educação, com Ênfase em Educação a Distância, Atuando Principalmente nos Seguintes Temas: Educação a Distância, Informática na Educação, Moodle e Objetos de Aprendizagem.

Título de sua dissertação: Um Design Educacional para a Educação mediada por Tecnologias Digitais em Estabelecimentos Penais

Descrição geral: entrelaçado à perspectiva da insubordinação criativa, este estudo sobre a educação mediada por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em ambientes de privação de liberdade revela um movimento formativo que desafia os limites impostos pelas condições institucionais e sociais do sistema prisional paulista. Ao propor e analisar o uso das TDIC — mesmo sem acesso à internet — como meio de promover aprendizagem significativa, o trabalho manifesta um gesto de resistência criativa frente às restrições estruturais, políticas e tecnológicas que historicamente marcam o contexto prisional.

Quadro 8 – pesquisador Paulo

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Recusa da Suposta Neutralidade do Pesquisador	Logo no início, o autor assume que sua escolha do objeto de estudo está ligada às vivências e trajetórias pessoais, como defende Antonio Carlos Gil: “O pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares” (Silva, 2024, p.15). Essa postura já rompe com o mito da neutralidade acadêmica e assume um olhar situado e engajado — característica da insubordinação criativa, que contesta o distanciamento "impessoal" e propõe uma ciência comprometida com mudanças sociais concretas.	
Intervenção em um Espaço de Invisibilização Social: o Sistema Prisional	Ao escolher investigar educação profissional e tecnológica para pessoas privadas de liberdade, o autor propõe enfrentar um dos ambientes mais negligenciados e estigmatizados da sociedade. Atuar em favor do direito à educação no sistema prisional é, em si, um gesto de insubordinação criativa, pois desafia estruturas excludentes e propõe alternativas concretas de transformação, em especial para um público invisibilizado: jovens, negros, pessoas com baixa escolaridade e pessoas privadas de liberdade.	
Uso da Tecnologia Social como Estratégia Inclusiva	“A equipe customizou uma tecnologia social que possibilitou a adoção do Moodle com recursos midiáticos que promovem o letramento digital” (Silva, 2024, p. 17).	Aqui, o uso da tecnologia social e do software livre (Moodle) como meio de acesso à cultura digital e à educação para reeducandos rompe com as barreiras institucionais e tecnológicas impostas ao ambiente prisional. Isso evidencia criatividade aplicada à transformação social, um traço central da insubordinação criativa.

<p>Crítica à Restrição Tecnológica e Pedagógica nos Presídios</p>	<p>“Promover uma educação profissional que atenda [...] às necessidades de letramento digital da contemporaneidade esbarra em restrições técnicas, tecnológicas e, principalmente, em restrições didático-pedagógicas” (Silva, 2024, p. 17).</p>	<p>O texto aponta as barreiras enfrentadas. Essa crítica revela um inconformismo propositivo: o autor não apenas aponta os limites, mas busca alternativas, propondo novos arranjos didáticos e tecnológicos que resistam às restrições impostas.</p>
<p>Integração da EaD como Ferramenta de Resistência</p>	<p>O projeto valoriza a Educação a Distância (EaD) off-line, como estratégia viável para garantir o direito à educação em espaços nos quais o acesso à internet é restrito: adotar e adaptar a EaD para contextos tão adversos demonstra insubordinação criativa, pois o autor inova dentro das limitações impostas, sem aceitar passivamente os entraves estruturais.</p>	
<p>Produção de um Guia Prático para Transformação</p>	<p>A elaboração de um Guia de Requisitos, como produto educacional para expandir as práticas pedagógicas no sistema prisional, é um exemplo de insubordinação criativa aplicada à prática. O projeto não se limita à análise teórica, mas propõe uma ferramenta concreta que desafia os modelos tradicionais e amplia as possibilidades de acesso à educação.</p>	

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Recusa da neutralidade acadêmica e defesa de uma pesquisa engajada;
- Escolha de um público vulnerável e negligenciado como foco do estudo;
- Crítica propositiva às limitações pedagógicas e tecnológicas do sistema prisional;
- Utilização criativa de tecnologias sociais e software livre para inclusão;
- Adaptação da EaD como ferramenta de resistência e acesso;
- Criação de um produto educacional inovador para promover transformação concreta.

Rita de Cássia Augusto

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras(1979), especialização em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais(1995), mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Estrangeira pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001) e doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMG pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). Atualmente, é funcionária pública da Universidade Federal de Minas Gerais, Professora de Inglês da Universidade Federal de Minas Gerais, Membro de corpo editorial da Revista Letra Magna (Online), do Instituto Federal de São Paulo e Revisor de periódico da Revista Letra Magna (Online). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada. Atuando, principalmente nos seguintes temas: Ensino de língua inglesa, Formação de Professores e Língua Estrangeira.

Título de sua tese: O desenvolvimento da competência linguística de uma professora de inglês à luz da teoria da complexidade: um estudo

Descrição geral: entrelaçado à perspectiva da insubordinação criativa, este estudo sobre o desenvolvimento da competência linguística em inglês de uma professora participante de um curso de educação continuada evidencia um processo formativo que desafia padrões estabelecidos de aprendizagem e ensino. O curso, ao articular aperfeiçoamento linguístico e discussões teórico-metodológicas, favoreceu a emergência de práticas reflexivas e autônomas, nas quais a professora passou a agir com criatividade, criticidade e autoria, características centrais da insubordinação criativa.

Quadro 9 – pesquisadora Rita

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Questionamento das Limitações Epistemológicas Tradicionais	"O círculo vicioso que se autoabastece na formação insuficiente do professor na universidade, que engrossa a debilidade escolar do alunado e que por fim volta a alimentar a universidade precisa ser substituído por um círculo virtuoso novo" (Augusto, 2009, p. 11, <i>apud</i> Almeida Filho, 1992).	Desde o início, a autora denuncia o fracasso histórico do ensino de Língua Estrangeira — Inglês (LEI) nas escolas brasileiras e o ciclo vicioso de formação precária de professores. Esse é um gesto de insubordinação criativa, pois ao invés de reproduzir o discurso acomodado ou resignado sobre as falhas no ensino, a autora aponta o problema e propõe a necessidade de romper esse ciclo com novos modelos de formação e investigação.
Crítica à Formação de Professores e Proposta de Alternativas	A autora traz o EDUCONLE como um espaço de formação continuada que desafia o <i>status quo</i> da formação deficiente de professores de LE. Ainda, o próprio foco da pesquisa, que consiste em acompanhar o desenvolvimento linguístico de uma professora em formação continuada, é um ato de insubordinação criativa — ao invés de apenas diagnosticar a falha, a pesquisa se compromete em propor e analisar caminhos concretos de transformação.	

<p>Uso da Teoria da Complexidade como Ruptura Paradigmática</p>	<p>"Os modelos e teorias vigentes de aquisição de segunda língua não apreendem todos os fatores envolvidos nesse processo" (Augusto, 2009, p. 11).</p>	<p>Ao adotar a teoria dos sistemas complexos para analisar a aprendizagem de LE, a autora rompe com os modelos tradicionais, lineares e mecanicistas, criticando explicitamente as abordagens vigentes. Essa escolha teórica é um exemplo clássico de insubordinação criativa: recusar paradigmas simplificadores e abraçar abordagens que reconhecem a não linearidade, a dinamicidade e a complexidade do fenômeno.</p>
<p>Revisão Crítica da Competência Linguística e Comunicativa</p>	<p>Ao apresentar as limitações dos modelos de Canale e Swain (1980) e de Bachman (1990), a autora: i) questiona a separação rígida entre competência e desempenho; ii) critica a abordagem puramente cognitivista dos modelos; e iii) propõe uma leitura mais holística e contextualizada da competência linguística, alinhada à complexidade. Esse movimento é caracterizado como insubordinação criativa no plano teórico, pois, ao invés de apenas reproduzir os modelos consagrados, a autora aponta limites e propõe reinterpretações mais adequadas à realidade complexa da aprendizagem de LE.</p>	
<p>Flexibilização de Termos e Conceitos Tradicionais</p>	<p>A autora escolhe usar os termos <i>aquisição</i> e <i>aprendizagem</i> de forma intercambiável, e substitui a expressão <i>competência linguística</i> por <i>padrões de uso linguístico</i>, justificando: "Esse termo permite uma melhor interpretação da natureza dinâmica da língua" (Augusto, 2009, p.19) Esse ajuste terminológico, longe de ser apenas uma escolha de estilo, representa insubordinação criativa ao flexibilizar categorias rígidas para adaptá-las a uma abordagem mais processual e realista.</p>	

Metodologia Dialógica, Etno- Interpretativa e Longitudinal	<p>Ao optar por um estudo de caso longitudinal, com uso de instrumentos da etnografia e análise à luz da complexidade, a autora desafia a rigidez metodológica comum na área e aposta em um olhar mais contextual, subjetivo e processual. Isso rompe com a ortodoxia de métodos quantitativos ou controlados e propõe uma investigação que respeita a natureza viva, dinâmica e não linear do fenômeno estudado.</p>
---	---

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Questionamento das falhas estruturais na formação docente e no ensino de LE;
- Proposição de espaços de formação continuada inovadores (EDUCONLE);
- Crítica aos modelos tradicionais de aquisição de segunda língua;
- Adoção de uma abordagem teórica disruptiva (teoria da complexidade);
- Flexibilização conceitual e terminológica para adequação ao objeto de estudo;
- Escolha metodológica alinhada à complexidade e à realidade educacional;
- Compromisso explícito com o rompimento de ciclos viciosos na formação de professores.

Mariana Guedes Seccato

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: É pós - doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina, onde também obteve o título de Doutora em Estudos da Linguagem e Mestre em Estudos da Linguagem. Graduada em Letras Anglo Portuguesa também pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente, é professora de Língua Inglesa no Colégio Celtas de Votuporanga -SP e no Colégio SESI de Votuporanga. Atuou no estado de São Paulo como professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Ensino de Línguas para Crianças (FELICE/CNPq) e no Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: língua inglesa para crianças, ensino-aprendizagem, lúdico, formação de professores de línguas e língua inglesa.

Título de sua tese: Incidentes críticos na formação de professores de Língua Inglesa: conceitos, características e reações

Descrição geral: Embora o texto mantenha um tom acadêmico e formal, o conteúdo revela diversas camadas de insubordinação criativa, principalmente por meio de uma crítica à produção de conhecimento hierarquizada e à formação docente focada apenas em aspectos técnicos ou prescritivos.

Quadro 10 – Pesquisadora Mariana

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
	“Na primeira aula, notei minha dificuldade em manusear o giz, organizar a lousa, a falta de noção em relação ao tempo de cada atividade que eu propunha.	

<p style="text-align: center;">Ato de Resistência Epistemológica</p>	<p>As dificuldades em criar instrumentos de avaliação e aplica-los, assim como o contexto social dos alunos, fez com que eu errasse muitas vezes e prejudicasse a minha própria prática e a aprendizagem de meus alunos. Logo percebi o sentimento de frustração em não conseguir conciliar o meu embasamento teórico com a minha recente prática. Não conseguia refletir sobre minha atuação e notei que com meus colegas de trabalho acontecia o mesmo. Os novos, como eu, buscavam respostas toda vez que saiam atônitos de suas aulas. Dos mais experientes, era recorrente a fala de que ensinar se aprende ensinando e que a teoria é muito linha, mas impossível vivenciá-la.</p> <p>Assim, cheguei à conclusão de que as horas de Estágio Supervisionado e os projetos em que havia participado durante a graduação, não me forneceram ferramentas suficientes para criar o hábito de refletir constantemente sobre os contextos em que eu poderia encontrar durante minha prática e como repensá-la.</p> <p>Dessa forma, trazer as dimensões das reflexões dos IC vivenciados para embasar meu trabalho, significa o repensar toda a minha trajetória com maior propriedade para interpretar e compreender minhas atuações passadas e futuras.</p> <p>*IC – Incidentes Críticos</p> <p>A insubordinação criativa aqui não se dá em uma ruptura direta com normas legais ou institucionais, mas em questionamentos epistemológicos, propostas metodológicas alternativas e posicionamentos éticos que tensionam práticas consolidadas na formação de professores.</p> <p>"Esta pesquisa situa-se no campo da Linguística Aplicada Crítica" (Seccato, 2020, s.p.)</p> <p>Só o fato de estar ancorada na LAC (Linguística Aplicada Crítica) já posiciona o trabalho de forma insubordinada em relação às abordagens mais tradicionais da Linguística ou da formação de professores. A Linguística Aplicada Crítica se propõe a problematizar relações de poder, hegemonias linguísticas e desigualdades, ou seja, é uma área que já</p>
---	---

	nasce tensionando as práticas normativas da educação de línguas.	
Questionamento e Construção Coletiva do Conhecimento	<p>"...prioriza o retorno dos resultados ao par experiente do contexto B e às participantes do contexto C, para fins de sua edição, corroboração ou refutação" (Seccato, 2020, s.p.).</p>	<p>Essa postura de devolver os resultados à comunidade investigada para que possam ser editados ou refutados rompe com o modelo hierárquico e unilateral da pesquisa acadêmica tradicional, no qual o pesquisador é o único detentor da "verdade científica". Aqui, há uma insubordinação criativa na forma de produzir conhecimento, promovendo uma ação ética emancipatória.</p>
	<p>"...perspectivas epistemológicas hermenêutica e construcionista social, assim, com posicionamento ontológico relativista" (Seccato, 2020, s.p.)</p>	<p>Assumir abertamente uma ontologia relativista, dentro de um campo que historicamente já foi dominado por perspectivas positivistas e estruturais, é um ato de insubordinação criativa no plano teórico. Significa se recusar a aceitar verdades absolutas ou totalizantes, e abrir espaço para múltiplas interpretações da realidade — o que muitas vezes contraria as expectativas acadêmicas mais conservadoras.</p>

<p>Proposição de Ferramenta Metodológica Alternativa</p>	<p>"...dados, que são submetidos à Análise Paradigmática e Sintagmática (APS) desenvolvida para estudos de linguagem" (Seccato, 2020, s.p.)</p>	<p>O uso e desenvolvimento de uma ferramenta específica de análise (APS), distinta dos modelos tradicionais de análise qualitativa ou quantitativa, mostra a busca por caminhos criativos e inovadores na pesquisa — o que representa uma forma sutil de insubordinação criativa contra o método científico padronizado.</p>
<p>Valorização dos Incidentes Críticos (IC) como Disruptores Formativos</p>	<p>"...os IC são elementos valiosos na formação do professor quando possibilitam sua verbalização, reflexão e questionamento de suas características, causas, consequências e reações" (Seccato, 2020, s.p.)</p>	<p>A própria escolha em trabalhar com Incidentes Críticos, entendidos como momentos de ruptura, conflito ou desconforto na prática docente, reforça a ideia de que o processo formativo precisa lidar com o imprevisível, o contraditório e o incômodo — o que vai na contramão dos discursos formativos normativos que pregam apenas a técnica e o controle da sala de aula.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Recusa de epistemologias absolutas;
- Postura ética de devolução dos resultados à comunidade investigada;
- Proposição de metodologia adaptada e inovadora;
- Valorização da crise e do conflito (Incidentes Críticos) como parte estruturante da formação;
- Adoção da Linguística Aplicada Crítica como campo, o que já implica tensionamento de estruturas normativas.

Pesquisadores - pós-graduandos

Vinicius Siqueira de Lima

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Possui graduação em Produção de Materiais e Produtos Plásticos pela Faculdade de Tecnologia de Mauá (2011) e mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo (2023). Atualmente, é responsável pelo portal Colunas Tortas de Ciências Humanas, atuando principalmente nos seguintes temas: Michel Foucault, filosofia, análise do discurso e Michel Pêcheux.

Título prévio de sua tese: Filosofia da Migração, Discursos e Anticolonialidades em Tempos Sombrios

Título de sua dissertação: Enunciados necropolíticos do ministério da saúde brasileiro sobre a pandemia de covid-19

Descrição geral: O texto é um exemplo muito claro de insubordinação criativa no espaço acadêmico. Ele tensiona a linguagem, o método, a neutralidade e o conteúdo ao mesmo tempo, buscando produzir um conhecimento implicado, crítico e combativo — que não aceita os limites impostos pelo discurso oficial ou pelo conformismo acadêmico.

Quadro 11 – Pesquisador Vinicius

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
-------------------------------------	------------------------	--------------------------------

<p>Escolha Temática e Perspectiva Contrapadrão: Necropolítica e Organização da Morte</p>	<p>"Acredito que seja necessário introduzir o texto que se seguirá por meio de um sopro inicialmente pessimista, o qual, por sua vez, poderá abrir caminhos para criações otimistas e combativas" (Lima, 2023, p. 13.)</p>	<p>Logo no início, o autor rompe com o que seria um padrão acadêmico convencional de "otimismo", "imparcialidade" ou "neutralidade". Essa abertura, deliberadamente pessimista, já quebra com o "discurso padrão acadêmico" que, muitas vezes, exige um tom objetivo ou tecnocrático. Ao discorrer sobre a organização da morte como fenômeno analisável — e ao colocar isso em relação direta com políticas de Estado — o pesquisador demonstra insubordinação criativa, escolhendo encarar temas que normalmente são tratados de forma superficial ou diluída, como as desigualdades estruturais que promovem o extermínio.</p>
<p>Questionamento Direto de Estruturas de Poder: A "Necropolítica à Brasileira"</p>	<p>"Essa necropolítica terá centralidade ao longo das reflexões contidas nos capítulos de análise" (Lima, 2023, p. 13).</p>	<p>Criar o conceito de "necropolítica à brasileira" é um ato de insubordinação criativa, pois aponta que há uma especificidade nacional no modo como o Estado gere a vida e a morte — ou melhor, gerencia quais vidas merecem ser vividas e quais são descartáveis. O autor não se limita a reproduzir o conceito de Achille Mbembe; ele tensiona, localiza, atualiza — isso é um movimento inovador e, ao mesmo tempo, crítico, que desafia discursos institucionalizados. Para o pesquisador Vinícius a necropolítica é uma leitura inspirada nos desenvolvimentos foucaultianos sobre a biopolítica, mas que identifica um limite e uma ineficiência no simples ato de "deixar morrer". Ou seja, ela mostra que o poder não se restringe a administrar a vida, mas também — e principalmente — a produzir a morte.</p>

<p>Metodologia como Ato Crítico: Arqueologia Foucaultiana como Ferramenta Flexível</p>	<p>Ao dispor que "A arqueologia foucaultiana ser uma ferramenta flexível de análise, que se adapta ao objetivo" (Lima, 2023, p.13), o pesquisador assume que está moldando o método à realidade observada, e não o contrário. Isso vai contra a rigidez metodológica tradicional, em que o pesquisador muitas vezes deve "encaixar" o objeto ao método. Esse movimento de flexibilização é insubordinação criativa, pois reinterpreta a prática de pesquisa a partir de um olhar crítico e situado.</p>	
<p>Crítica Implícita ao Discurso Oficial e Denúncia de Invisibilização</p>	<p>"Importará menos o sentido específico do texto ou a intenção específica de cada documento. Opto pelo status de cada documento como possibilidade de formar um enunciado" (Lima, 2023, p.14).</p>	<p>Ao analisar documentos oficiais não pelo "conteúdo literal", mas pela estrutura discursiva e o que ela permite ou impede, o autor faz uma afirmação, evidenciada ao lado. Isso revela um ato de insubordinação criativa, pois o autor não aceita a leitura simplista dos discursos oficiais. Ele tensiona o que está nos bastidores, o que os documentos silenciam ou ocultam. Ainda, denuncia o caráter organizado, meticuloso e político das "estratégias da morte", desnudando o funcionamento burocrático de políticas que, na aparência, parece neutro ou técnico.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Rompe com o formato tradicional de neutralidade acadêmica, adotando um tom pessoal e combativo;
- Introduce o pessimismo como ponto de partida para mobilizar ações críticas e otimistas;
- Reinterpreta conceitos internacionais (necropolítica) dentro de um contexto brasileiro específico;
- Questiona discursos oficiais ao invés de reproduzi-los, revelando as engrenagens ocultas do poder;
- Defende a pesquisa como ato político e ético, não apenas técnico ou descritivo.

Ana Carlota Vieira Niero

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Doutoranda e Mestre em Ciência pelo Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Graduada em Psicologia com especialização em Psicanálise (USP), em Psicopedagogia (EPSIBA) e em Gestão Estratégica de Escolas (FAAP). Docente da Educação Básica, atuou como orientadora educacional e coordenadora de segmento da Educação Infantil Até o Ensino Médio. Foi Gerente Educacional e de Assistência Social na Associação Cultura Franciscana. Atualmente, é coordenadora pedagógica do Colégio São Luís e do Instituto Omunga. Consultora e mentora da Mentoria Para Educadores. Membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq).

Título prévio de sua tese: Coordenação Pedagógica em Instituições de Ensino da Educação Básica que acolhem migrantes

Título de sua dissertação: Coordenação Pedagógica no Brasil: por uma proposta arqueológica

Descrição geral: “A coerência do educador Paulo Freire nos provoca e nos instiga a sairmos da nossa zona de conforto e atuarmos a favor dos estudantes, dos educadores e da educação brasileira. Muito pode ser feito, muito deve ser feito. Seguimos” Niero (2023, p. 89). Identificar a própria dor e a dor alheia é o que diferencia uma pessoa que estuda um assunto, de um pesquisador ou pesquisadora. Segundo Sá (2015, 2017, 2020), o cientista, em sua angústia, deve ser chamado de pesquis-a-dor social uma vez que pesquisará a dor alheia, o sofrimento dos que compõem a tessitura social, com o fito de agir profilática, curativa ou até paliativamente, mas nunca esperando para atuação *post mortem* do fenômeno sob suas lentes e custódia (Sá, 2020, p.21). Diante dessa minha pequena experiência, na qual o mestrado é apenas o ponto de partida, acredito que o sentimento de paixão pela minha pesquisa está relacionado ao fato de que ela fala de mim, do meu percurso de mais de 32 anos como educadora, fala da

minha dor enquanto docente e coordenadora pedagógica (Niero, 2023, p. 90).

Quadro 12 – Pesquisadora Ana Carlota

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Autoria Pessoal e Questionamento dos Modelos Tradicionais	"Justifico a escrita deste trabalho em primeira pessoa, pois, intencionalmente, reforço a autoria desta narrativa com o desenrolar de meu percurso pessoal e profissional" (Niero, 2023, p.13)	Logo no início, ao optar por escrever o trabalho em primeira pessoa, a autora traz uma justificativa, presente ao lado. Isso rompe com a tradição de escrita acadêmica impessoal, que tende a "neutralizar" o sujeito pesquisador e pressupõe uma suposta objetividade. Ao se posicionar como autora de uma narrativa situada e implicada, a pesquisadora desafia o protocolo acadêmico, propondo uma abordagem mais humanizada e crítica. Essa é uma forma sutil, mas legítima, de insubordinação criativa.
Exposição das Contradições Institucionais e da Carência de Formação	"Na ocasião, a escola não tinha nenhum registro histórico das atribuições da orientação educacional." "Não encontrei nenhum curso específico." "Mais uma vez, fui obrigada a realizar adaptações em tudo que aprendia para aplicação no universo escolar" (Niero, 2023, p. 13).	Em vários momentos, a autora questiona abertamente a estrutura precária que envolve a função da coordenação pedagógica, conforme elucidam os trechos ao lado. Aqui, a insubordinação criativa se revela na crítica ao vazio institucional e na tentativa de "inventar caminhos" diante da ausência de preparo formal. Não se trata de negar o papel, mas de recriá-lo, adaptá-lo, tensionando as lacunas e sugerindo novos percursos.

<p>Crítica Aberta à Lógica Neoliberal e à Despolitização da Educação</p>	<p>"Dessa forma, mais uma vez, cairá sobre os ombros da educadora a necessidade de se superar para dar conta das demandas. Diante da impossibilidade de a coordenadora pedagógica atingir todos os objetivos e necessidades da educação escolar, o Estado se isenta de suas responsabilidades" (Niero, 2023, p. 17).</p> <p>"A interferência neoliberal na educação busca transformar em mercadoria tudo que toca (...), eliminar quaisquer possibilidades de os professores assumirem suas responsabilidades sociais de serem agentes de transformação" (Niero, 2023, p. 18 <i>apud</i> Chaves, 2022, p. 21).</p>	<p>A passagem mais explícita e contundente de insubordinação criativa está nas críticas diretas ao modelo neoliberal de gestão educacional. Esse posicionamento revela uma clara ruptura com o discurso hegemônico de "gestão eficiente", "accountability" e "soluções de mercado". A autora propõe uma leitura crítica, politizada e resistente, que questiona as estruturas e sugere a necessidade de reposicionar o papel do educador enquanto sujeito ativo, crítico e transformador — características centrais da insubordinação criativa.</p>
<p>Outros Elementos Relevantes</p>	<p>Ao citar Paulo Freire, Giroux e outros autores críticos, a autora ancora sua pesquisa em referenciais que já são, por si, insubordinados frente ao ensino técnico, conteudista e alienante.</p> <p>A metáfora da "arqueologia" também propõe uma ruptura: escavar camadas ocultas da prática pedagógica, revelando contradições e resgatando o que a história escolar oficial não valoriza.</p>	

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

A introdução da dissertação demonstra insubordinação criativa porque:

- Personaliza a narrativa, rompendo com a objetividade fria;
- Questiona as lacunas e omissões institucionais na formação docente e na coordenação pedagógica;
- Faz crítica aberta às políticas neoliberais que precarizam a educação;
- Propõe como alternativa a escuta ativa, o resgate da história, a crítica e o reposicionamento ético-político dos educadores.

Carlos Roberto Faustino

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Graduado em Direito, Educação Física e Pedagogia. Possui pós-graduação lato sensu em Futsal (2006); Gestão Educacional (2007); Docência no Ensino Superior (2008); Direito Desportivo (2013) e Inspeção Escolar (2023). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfnas (2018). Doutorando em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Experiência na advocacia nas áreas do Direito Educacional, Direito Desportivo e Direito do Consumidor. Possui experiência na docência no Ensino Superior em disciplinas nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Direito e Licenciaturas. Possui experiência na coordenação pedagógica. Membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Bolsista Capes - Doutorado.

Título prévio de sua tese: O direito à educação de migrantes em situação de vulnerabilidade social

Título de sua dissertação: O aluno com deficiência e o direito educacional na perspectiva inclusiva: Um estudo sobre o Atendimento Educacional Especializado em uma escola de São Paulo

Descrição geral: Embora este texto seja mais jurídico e técnico, há elementos de insubordinação criativa.

Quadro 13 – Pesquisador Carlos

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Propõe a Perspectiva dos Direitos Humanos	"Passando da condição de objeto de políticas assistencialistas e de tratamentos médicos para uma posição de sujeitos verdadeiramente titulares	Essa mudança de paradigma social, que combate o modelo segregador e propõe a inclusão a partir de direitos garantidos, representa uma ruptura propositiva com um padrão tradicional e excludente — um

	de direito" (Faustino, 2018, p. 12).	claro exemplo de insubordinação criativa na área educacional e jurídica.
Crítica à Terminologia Antiquada e Proposição de Novos Conceitos	"Identificava-se nos documentos legais expressões como 'excepcionais', 'deficientes', 'inválidos' [...] Com o advento da Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, passou-se a adotar o termo 'pessoa com deficiência'" (Faustino, 2018, p. 12).	O questionamento da terminologia reflete uma insubordinação criativa, ao propor mudanças que rompem com conceitos enraizados, visando promover respeito, autonomia e cidadania.
Defesa de uma Escola Inclusiva Contra Práticas Segregadoras Tradicionais	"A garantia do acesso à escola comum a todos [...] consolidação de um direito, a garantia do acesso à escola comum a todos" (Faustino, 2018, p. 14).	A defesa da educação inclusiva rompe com a lógica tradicional de exclusão ou segregação e propõe alternativas baseadas em justiça e igualdade, alinhadas à ideia de insubordinação criativa. Aqui, há defesa dos direitos das pessoas com deficiência, rompendo com modelos históricos excludentes e propõe mudanças sistêmicas baseadas em direitos, participação e respeito.

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Ruptura com paradigmas históricos excludentes.
- Questionamento de conceitos e práticas naturalizadas.
- Proposição de alternativas éticas, inclusivas e transformadoras.

Cristiano Rodineli de Almeida

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Psicólogo, psicanalista. Graduação pela Universidade Nove de Julho (2008) e especialização em Psicopatologia e Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - FSPUSP - (2012), e em Políticas Públicas e Socioeducação pela Escola Nacional de Socioeducação/Universidade de Brasília - ENS/Un (2018). Possui mestrado em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2017), pesquisa na qual estudou a dinâmica da denúncia/notificação de violência sexual por professores da Educação Infantil. Atualmente, cursa doutorado na mesma instituição e Programa (2023-2026), em pesquisa com migrantes-adolescentes privados de liberdade em Medidas Socioeducativas, com objetivo de compreender a produção de subjetividade na adolescência atravessada por esses fenômenos da migração e privação de liberdade. Trabalha como psicólogo na Fundação CASA, atendendo adolescentes em conflito com a lei privados de liberdade. É cofundador e membro do corpo editorial da *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*. É membro do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Atua principalmente nos seguintes temas: Psicanálise, adolescência, ato infracional, socioeducação, violências e migração.

Título prévio de sua tese: Discursos e produção de subjetividade de migrantes-adolescentes em conflito com a lei

Título de sua dissertação: Os educadores de creche e a violência sexual infantil: um tema interdito

Descrição geral: este estudo investiga o mal-estar vivenciado por educadores de creche diante da suspeita de violência sexual incestuosa entre seus alunos, um tema marcado por silêncios, tabus e tensões ético-afetivas. Fundamentado na psicanálise freudiana e pós-freudiana, o trabalho busca compreender como o campo simbólico do discurso social e a subjetividade dos educadores — permeada por

valores morais, crenças e marcas inconscientes — interferem na forma como esses profissionais significam e enfrentam o fenômeno da violência sexual infantil. As entrevistas realizadas revelam um mal-estar que se manifesta como interdição da fala, em que o sussurro torna-se a única possibilidade de expressão diante do peso do indizível. Entrelaçado à insubordinação criativa, o estudo evidencia o potencial ético e transformador do ato de dar voz ao que é silenciado, rompendo com o medo, o tabu e a passividade institucional. A insubordinação criativa aqui se manifesta na coragem de investigar o inominável, de transgredir o silêncio imposto e de reconhecer o educador como sujeito atravessado por conflitos, mas também capaz de reflexão crítica e resistência simbólica. Assim, o trabalho reafirma que falar sobre o mal-estar é um gesto de insubordinação ética, pois implica enfrentar o que é socialmente interdito e propor novas formas de escuta, acolhimento e formação sensível no espaço escolar. Nesse movimento, a insubordinação criativa se revela como prática de cuidado e reinvenção, capaz de transformar o sofrimento e o silêncio em caminhos de consciência, empatia e emancipação.

Quadro 14 – Pesquisador Cristiano

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Rompimento com a visão simplista e burocrática da denúncia	“A denúncia não é algo meramente procedimental; ao contrário, está permeada por uma série de fatores para além do campo jurídico, ligados, por um lado, a questões culturais e históricas e, por outro, relacionadas a aspectos de ordem subjetiva...” (Almeida, 2017, p. 15).	Aqui, o autor desafia a visão institucional engessada que reduz a denúncia de violência a um ato formal, trazendo uma leitura ampliada, que envolve ética, subjetividade, afetos e ambivalências. Essa ampliação é um ato de insubordinação criativa, pois tensiona o protocolo oficial e propõe uma compreensão mais complexa do fenômeno.

<p>Questionamento do lugar do educador e das hierarquias na creche</p>	<p>“Para além das divisões hierárquicas, cada educador estabelece relações com as crianças e, portanto, todos os membros que compõem a instituição fazem parte do laço social no interior da creche.” (Almeida, 2017, p. 15).</p>	<p>O autor desafia a separação rígida entre professores e auxiliares, rompendo com estruturas institucionais que invisibilizam certos profissionais. Essa visão descentralizada e inclusiva sobre o papel de todos os educadores representa insubordinação criativa, pois quebra padrões hierárquicos e amplia o reconhecimento de sujeitos.</p>
<p>Aproximação da Psicanálise ao campo educacional e jurídico de forma não convencional</p>	<p>“O Direito não trata propriamente das pulsões, mas se apresenta como função simbólica ao determinar a punição dos agressores e os mecanismos de proteção às vítimas de violências.” (Almeida, 2017, p. 14)</p>	<p>O autor usa um campo teórico — a psicanálise — tradicionalmente aplicado à clínica, para discutir políticas públicas, educação e o papel do Direito. Essa transposição, que "mistura saberes" e quebra fronteiras disciplinares, configura-se como insubordinação criativa acadêmica.</p>
<p>Reconhecimento da transferência e do inconsciente no cotidiano escolar</p>	<p>“A transferência não ocorre somente no espaço de manejo terapêutico, ela está para o campo das relações da vida cotidiana...” (Almeida, 2017, p.13).</p>	<p>O autor desafia a ideia de que fenômenos como a transferência são exclusivos da clínica, ao propor que educadores e crianças estabelecem relações afetivas e inconscientes que interferem nas práticas cotidianas da creche, há uma atitude criativa e transgressora dos limites tradicionais do saber.</p>

<p>Questionamento da naturalização da violência e do tabu</p>	<p>“A violência sexual contra crianças é tratada como um tema delicado em nossa sociedade... embora a cultura disponha de proibições [...] a violência insiste como um fenômeno presente...” (Almeida, 2017, p.13).</p>	<p>O autor rompe com o discurso simplista de que a existência de leis ou tabus basta para conter a violência. Essa crítica, fundamentada em Freud, promove insubordinação criativa ao propor que o problema vai além do jurídico e envolve a dimensão pulsional e simbólica.</p>
--	---	--

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Crítica à rigidez burocrática da denúncia;
- Rompimento com hierarquias institucionais e defesa do protagonismo dos auxiliares de educação;
- Diálogo inovador entre psicanálise, educação e direito;
- Ampliação da compreensão sobre a transferência e o inconsciente nas relações escolares;
- Exposição do limite das normas culturais e jurídicas diante da complexidade humana.

Gabriela Cristina Monteiro de Moura

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas pela Universidade de Taubaté (2011) e especialização em Psicopedagogia e Psicomotricidade pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2013). Atualmente, é professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de São Paulo - Câmpus Itapetininga.

Título prévio de sua dissertação: Migração e Hospitalidade na Educação Básica

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa. A expressão Migração e Hospitalidade aplicada à Educação Básica já sugere um deslocamento crítico frente ao modo tradicional de pensar a escola.

Quadro 16 – Pesquisadora Gabriela Cristina

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Migração	No contexto escolar, o termo desloca o foco para sujeitos que, historicamente, estão às margens — migrantes, refugiados, pessoas em trânsito ou em vulnerabilidade social e cultural. Trabalhar com migração na escola consiste em romper com a ideia da escola homogênea, local, enraizada apenas nas culturas "hegemônicas". Implica trazer temas como diversidade linguística, acolhimento, identidades móveis e direitos humanos para o centro do currículo, o que desafia práticas normativas, nacionalistas ou excludentes.	
Hospitalidade	No campo filosófico e educacional, a hospitalidade vai além do simples "receber bem". Ela envolve o questionamento das fronteiras, das normas que regulam o pertencimento e da estrutura hierárquica da escola.	

	<p>Inspirada em autores como Derrida, hospitalidade verdadeira implica acolher o "outro" sem condições, sem exigir adaptação forçada, sem neutralizar sua diferença. Levar hospitalidade para dentro da Educação Básica desafia práticas escolarizadas que operam com o controle rígido da cultura, da linguagem e da identidade dos estudantes.</p>
--	--

Fonte: sistematizado pela autora.

Gabriela Genizele Souza dos Santos

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência na UNIFESP. Especialização em Clínica Psicanalítica em andamento na Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Graduada em Psicologia pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e em Administração de Recursos Humanos pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Possui experiência na área de Psicologia Organizacional, Recursos Humanos e Psicologia Clínica, com ênfase em Psicoterapia Psicanalítica. Tem interesse em estudos na linha de pesquisa em inclusão social e vulnerabilidade, com foco nas questões relacionadas à maternidade e migração, e suas implicações do processo migratório nas relações familiares e na integração social das mulheres migrantes. Atualmente, busca oportunidades de colaboração em projetos de pesquisa que abordem essas temáticas, visando contribuir para o avanço do conhecimento e para o desenvolvimento de políticas mais inclusivas e eficazes.

Título prévio de sua dissertação: Migração e Maternagem: Impacto do Processo Migratório nas Relações Maternas

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa. O uso do termo “**Maternagem**” em vez de termos mais tradicionais como "maternidade" ou "função materna" já sinaliza uma escolha conceitual **não convencional**. “Maternagem” carrega uma conotação ampliada, relacional e, muitas vezes, associada a práticas de cuidado que vão além do biológico e normativo. É um termo que tensiona modelos tradicionais de gênero e família, o que, por si só, é um gesto de **questionamento das estruturas instituídas**, ou seja, insubordinação criativa.

Quadro 17 – Pesquisadora Gabriela Genizele

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Relações Maternas em Contexto de Migração	O título propõe investigar o impacto do processo migratório nas relações maternas, ou seja, introduz a ideia de que as práticas de maternagem não são universais nem fixas, mas atravessadas por deslocamentos, vulnerabilidades e reconstruções culturais. Isso questiona a visão essencialista ou romantizada da maternidade, trazendo um olhar crítico, cultural e político , típico de quem pratica insubordinação criativa ao não aceitar padrões cristalizados.	
Migração como Eixo de Desestabilização	Explorar a migração a partir do olhar das relações maternas, e não apenas da integração econômica ou legal, subverte o foco hegemônico das pesquisas sobre migração. Ou seja, o título já sugere que o processo migratório desorganiza e reconfigura as relações afetivas e familiares — um olhar que desafia as abordagens burocráticas ou meramente jurídicas que dominam o tema.	

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Resgata o conceito alternativo de **maternagem**, ampliando o debate;
- Questiona a naturalização da maternidade, vinculando-a a contextos de deslocamento e crise;
- Dá centralidade à perspectiva das mulheres em situação migratória, frequentemente invisibilizadas;
- Propõe um olhar relacional, afetivo e subjetivo para o fenômeno migratório, desafiando abordagens tradicionais.

Graziani França Claudino de Anicézio

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Professora do IFTO (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins), graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2005), mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2012), doutoranda do Programa de pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (2024), é pós-graduada em Neurociência pela Faculdade FAMART de Itaúna - MG (2024) é pós-graduada em Neuropsicopedagogia Clínica pela Faculdade da Região Serrana - Farese (2021), é pós-graduada em Literatura Ibero-americana e Realidade Social pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (2008), é pós-graduada em Tecnologias na Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ (2010) e Integra o grupo de pesquisa GIEL - Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem. Atualmente realiza projetos na área de Autismo, Inclusão, Ensino da língua, literatura e cultura espanhola, bem como se dedica a pesquisas na área de Neurociência, TDAH, Migração, e Políticas Públicas Educacionais.

Título prévio de sua tese: Migração, Infância e Adolescência: Pela Inclusão de Pessoas Autistas

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa.

Quadro 18 – Pesquisadora Graziani

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
--	-------------------------------	---------------------------------------

<p>Cruzamento de Temas Marginalizados</p>	<p>O título combina Migração, Infância/Adolescência e Inclusão de Pessoas Autistas, ou seja, conecta três grupos ou temas historicamente vulnerabilizados, os quais muitas vezes são tratados de forma isolada em políticas públicas ou em pesquisas acadêmicas. Só o fato de articular esses campos já é uma forma de romper com a compartimentalização rígida e técnica dos problemas sociais — o que revela uma postura criativa e questionadora frente à abordagem normativa que trata esses sujeitos e contextos de maneira fragmentada.</p>
<p>Pela Inclusão... (Tom de Militância e Ativismo Reflexivo)</p>	<p>O uso da expressão "Pela Inclusão" confere ao título uma dimensão de posicionamento político-ético, que rompe com a suposta "neutralidade acadêmica". Isso representa uma insubordinação criativa porque assume um lado, reivindica uma transformação social e se compromete explicitamente com a luta por direitos, contrariando abordagens excessivamente descritivas ou técnicas que evitam assumir posicionamentos transformadores.</p>
<p>Visibilização de um Recorte Invisível</p>	<p>Pessoas Autistas migrantes, na infância e adolescência, constituem um recorte pouquíssimo explorado tanto nas pesquisas sobre migração quanto nas pesquisas sobre inclusão escolar ou direitos sociais. Só o fato de trazer esse recorte específico para o centro do debate já confronta o silenciamento institucional e acadêmico sobre esse público, o que é uma forma de insubordinação criativa — você revela o que costuma ser apagado, questiona o que se escolhe ignorar.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Conexão interseccional de temas fragmentados (migração, infância/adolescência, autismo);
- Posicionamento ético-político explícito ("Pela Inclusão"), rompendo com neutralidades institucionais;
- Exposição de sujeitos invisibilizados, contrariando práticas tradicionais que deixam lacunas sociais ou epistemológicas;
- Convite à transformação de realidades excludentes — ao invés de apenas "diagnosticar o problema.

Heleni Sousa dos Santos Ferreira

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação e Saúde na Infância e na adolescência da UNIFESP, cursou Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e graduação em Letras pela Sociedade de Cultura e Educação do Litoral Sul (1988). Foi professora efetiva da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo até 2012. Foi professora Universitária de 1998 a 2012, atuando como professora de Língua Portuguesa e Linguística. Em 2005, assumiu a coordenação do curso de Letras e, em 2010, assumiu a coordenação acadêmica dos cursos de Licenciatura em História, Matemática e Química, cargos nos quais permaneceu até 2012. Em 2012, assumiu o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Registro, atuando na Coordenadoria Sociopedagógica. Atuou como Diretora Adjunta de Ensino em 2014, retornando a essa função em 2017, na qual permaneceu até abril de 2021. Atualmente, é coordenadora do Napne, participa da Comissão de Permanência e Êxito e da equipe de Formação Continuada desta instituição. Faz parte do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Participou do Grupo de Pesquisa em Inclusão Social-Educacional e Formação de Educadores (ISEF UNIFESP). Atualmente, compõe a equipe Editorial da Revista Letra Magna, IFSP.

Título prévio de sua tese: Distorção e inclusão de vulneráveis: por entre discursos e práticas

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa.

Quadro 19 – Pesquisadora Heleni

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
--	-------------------------------	---------------------------------------

<p>Tensionamento Implícito entre “Distorção” e “Inclusão”</p>	<p>Ao colocar lado a lado os termos distorção e inclusão, o título já provoca o leitor ao sugerir que aquilo que se chama "inclusão" pode, na prática, estar distorcido ou deturpado. Esse movimento é típico da insubordinação criativa: não aceitar conceitos prontos, mesmo os que são politicamente corretos ou socialmente valorizados, como "inclusão", e propor uma investigação crítica sobre o que se esconde ou se contradiz nesses discursos.</p>
<p>Desconstrução de Práticas Naturalizadas</p>	<p>A expressão “por entre discursos e práticas” indica uma pesquisa que não se limita a aceitar as práticas ou os discursos como dados, mas que transita entre eles, buscando os pontos de ruptura, ambiguidade e contradição. Isso é insubordinação criativa porque foge do roteiro tradicional de descrever ou aplicar políticas. Ao invés disso, o título promete interrogar, desestabilizar e problematizar tanto os discursos quanto as práticas.</p>
<p>Inclusão de “Vulneráveis” com Tom Crítico</p>	<p>A palavra vulneráveis, colocada entre “distorção” e “inclusão”, reforça o potencial crítico do título, ao evitar romantizar ou simplificar a condição desses sujeitos. É um posicionamento que recusa a vitimização passiva ou os rótulos fáceis, o que revela um olhar inconformado e propositivo, típico de quem usa a insubordinação de forma criativa e ética, para promover mudanças.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Questiona discursos oficiais e práticas de inclusão, sugerindo contradições;
- Provoca o leitor a ir além das aparências e investigar a distorção presente nas políticas;
- Reivindica um olhar crítico e transformador sobre vulnerabilidades sociais;
- Propõe atravessar, e não apenas reproduzir, discursos e práticas instituídas.

Pedro Henrique Franco Becker

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Possui Especialização em Engenharia de Redes e Sistemas de Telecomunicações (UNIP/2017), graduação em Ciências Jurídicas (UNIP/2009) e graduação em Tecnologia em Processamento de Dados pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie (1985). Possui Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal do Sul de Minas, Doutorando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente, é professor titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Salto.

Título prévio de sua tese: O Acolhimento do migrante idoso: Desafios e Estratégias para a Integração Social e Bem-estar.

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa. Esse título ainda carrega uma linguagem mais técnica e formal, sem subverter diretamente o discurso dominante. Para ser plenamente insubordinado e criativo, o texto precisa ir além do diagnóstico técnico e propor rupturas, inovações ou críticas construtivas.

Quadro 20 – Pesquisador Pedro Henrique

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Valorização de um Sujeito Invisibilizado	Ao propor olhar para o migrante idoso, o título já rompe com a lógica dominante que foca a migração em jovens trabalhadores ou em fluxos produtivos. Isso desloca o olhar social e acadêmico para sujeitos marginalizados e invisibilizados, algo que desafia o padrão de quem merece ser acolhido ou integrado. Aqui, a insubordinação criativa ocorre ao incluir no debate quem geralmente fica fora dele, neste acaso, o migrante idoso.	

Reivindicação de Acolhimento e Bem-estar	<p>Falar em acolhimento, integração social e bem-estar como direitos de migrantes idosos também questiona políticas excludentes ou de mera contenção. Isso desafia a ideia de que o migrante idoso seria apenas um "problema social", reivindicando sua condição de sujeito de direitos. A proposta de estratégias não necessariamente segue o padrão institucional: pode propor inovações ou soluções baseadas em escuta ativa, redes de solidariedade, ou práticas interculturais, o que reforça o aspecto criativo.</p>
---	--

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Da forma como os desafios e estratégias forem tratados;
- O estudo propõe romper com protocolos ou práticas que não atendem de fato ao idoso migrante;
- Crítica às políticas públicas existentes ou se questiona normas que dificultam o acolhimento;
- A invisibilização do idoso migrante como sujeito central;
- Convite a repensar práticas e políticas de integração;
- Enfrentamento a discursos que marginalizam ou invisibilizam esse público.

Ricardo Medeiros Priuli

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Pesquisador no projeto EMBRACE (Educational Modernization Brazil, Colombia, Europe the new era of digital cooperation in higher education), ligado ao Educational Research Centre da Hamk University of Applied Sciences, Finlândia (HAMK) pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Coordenador da área de Produção Audiovisual na equipe IFSP do projeto de inovação COSAIC (Compartilhando Saberes e Inovação na Ciberultura) em parceria com a ENAP (Escola Nacional de Administração Pública). Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP, possui graduação em Produção Audiovisual com ênfase em Animação pelo SENAC SP, desenvolve estudos pelo Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq). Produtor audiovisual no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFSP).

Título prévio de sua tese: Migrantes no Cárcere: Anticolonizando e Desalgoritimizando Histórias de Vida

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa. É um título que expressa claramente um ato de insubordinação criativa ao propor desmontar sistemas de opressão por meio do resgate de histórias de vida e da crítica às tecnologias de vigilância.

Quadro 21 – Pesquisador Ricardo

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Anticolonizando — Ato de Insurgência Epistemológica	Ao propor “ anticolonizar ”, o título já rompe diretamente com estruturas tradicionais de saber e poder. Trata-se de questionar e dismantelar as heranças coloniais nas instituições, nos discursos jurídicos e nas práticas de controle, como o encarceramento. É um movimento crítico que propõe revisar não apenas o cárcere físico, mas as estruturas simbólicas, legais e discursivas que criminalizam corpos migrantes,	

	<p>especialmente oriundos de ex-colônias ou países periféricos.</p> <p>Anticolonizar é um verbo que carrega ação transformadora — logo, é uma insubordinação criativa contra a naturalização do sistema prisional e migratório.</p>
<p>Desalgoritimizando — Crítica ao Controle Tecnológico</p>	<p>O termo “desalgoritimizando” é ousado, atual e inovador. Ele faz alusão à crítica dos mecanismos de vigilância, classificação e controle baseados em algoritmos, cada vez mais usados em fronteiras, sistemas migratórios, perfis de risco e encarceramento seletivo.</p> <p>Ao desalgoritimar, o título propõe desprogramar, desautomatizar, humanizar os processos que hoje são friamente mediados por tecnologia, mas que impactam diretamente as vidas humanas. Esse termo é uma ruptura criativa com o discurso hegemônico que vende os algoritmos como “neutros”, mostrando que há poder e colonialidade embutidos na tecnologia.</p>
<p>Histórias de Vida como Ato Político</p>	<p>Dar centralidade às histórias de vida de migrantes presos também é um gesto de insubordinação, pois, ao invés de tratar o sujeito como “dado”, “número”, “categoria de risco” ou “estatística criminal”, o título recupera o valor das narrativas pessoais. Isso desafia a frieza institucional e recoloca a dignidade, a subjetividade e a complexidade humana no centro da discussão.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- A colonialidade das instituições penais e migratórias;
- A desumanização mediada por algoritmos e tecnologias de controle;
- A invisibilização das trajetórias individuais sob o discurso burocrático e securitário;

Rosemeire Rodrigues de Oliveira

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Doutoranda em Saúde e Educação - UNIFESP, Programa de Pós Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência. É integrante do Grupo de pesquisa, GIEL/CNPq.

Pensar: a partir dos campos da Educação e da Saúde, em um movimento filosófico da migração, que implicaria abrir mão de desenhos de soluções simplistas para o fluxo de pessoas em situação de vulnerabilidade na contemporaneidade e que os impede de atuarem como sujeitos protagonistas contemplados por uma ética migratória fundada na justiça e inclusão social. Para tanto, é igualmente necessário entender as bases históricas do processo colonizador, o subseqüente colonialismo e sua relação simbiótica com o patriarcado e o capitalismo que promovem e, ao mesmo tempo, recriminam com veemência a errância, além de aliar essa compreensão ao pensamento decolonial sem deixar de avançar a uma plataforma anticolonial - SEP.

Metodologia Arqueológica de Dados (MAD) Metodologia Arqueológica Participativa (MAP). Tem mestrado em Saúde e Educação, UNIFESP, no Programa de Pós Graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência. É integrante do Grupo de Estudos Vygotsky: defectologia. É integrante do Grupo ISEF (Inclusão Social-Educacional) - Estudos de Vygotsky/Campo da Educação e Saúde/Psicologia Histórico-Cultural Política Nacional de Educação Especial; Educação Inclusiva; Educação Especial; Atendimento Educacional Especializado Pós-graduada Medicina Comportamental – CEMCO. Licenciada em Pedagogia em Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual e Administração Escolar pela Faculdades Integradas Campos Salles. Formação em Escolarização e Tratamento de Crianças com Transtornos Globais na pré-escola Terapêutica Lugar de Vida - USP/IP –FE. Tem formação em instituições reconhecida em habilitação/reabilitação e educação especial-inclusiva como AACD, AMA/SP, APAE/SP (Instituto Jô Clemente). Atuou nas instituições APAE de Francisco Morato e

Franco da Rocha em Educação Especial, com atendimento Especializado e em Equipe Multiprofissional; na Rede estadual de Ensino, como professora de Educação Básica de 1 ao 5 ano; na rede Municipal de Ensino, Prefeitura de Francisco Morato; Professora Titular de Educação Básica (1 ao 5 ano.); Educação Especial (classe especial); Coordenação Pedagógica na Prefeitura de Francisco Morato, Secretaria Municipal de Educação - Diretora de Educação Inclusiva na Prefeitura de Francisco Morato; Diretora da Gerência Municipal: assessoria de políticas públicas. Atualmente, trabalha no gabinete da prefeitura de Francisco Morato, Diretora de ODS e IEG-M/Gabinete da Prefeita: gerenciamento de políticas públicas municipais; acompanhamento, monitoramento e avaliação de políticas públicas; integra a Advocacy Agenda 2030, mobilização e articulação para o Desenvolvimento Sustentável/Agenda 2030 e os ODS e Comissão Municipal ODS; atua na elaboração de Políticas, Programas e Projetos para o Desenvolvimento Humano e Sustentável; Gestão de Projetos; Indicadores e Plano de Metas. É responsável pelo acompanhamento e monitoramento do Índice de Governança Municipal (IEGM/ODS), Boas Práticas de Gestão e Desenvolvimento Municipal. Assessoria para Agenda climática; cidades atingidas ou sujeita a desastres.

Título prévio de sua tese: Cartografias Femininas: Narrativas de Mulheres e(m) Migração

Descrição geral: O título já carrega traços de insubordinação criativa. Esse título representa uma insubordinação criativa **sutil, acadêmica e crítica**, que desafia o *status quo* ao propor novas formas de olhar, mapear e narrar a experiência migratória das mulheres.

Quadro 22 – Pesquisadora Rosimeire

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
-------------------------------------	------------------------	--------------------------------

<p>Subversão da Cartografia Tradicional</p>	<p>A palavra cartografia remete a mapas, territórios, fronteiras — historicamente dominados por perspectivas masculinas, coloniais e geopolíticas.</p> <p>Falar em Cartografias Femininas já é uma ruptura: você desloca o foco da cartografia oficial para os caminhos, trajetórias e experiências subjetivas das mulheres, especialmente as migrantes.</p> <p>É um mapeamento simbólico, afetivo, social — que desafia a ideia de que só os mapas “objetivos” ou “institucionais” importam.</p>
<p>Enfoque em Narrativas Silenciadas</p>	<p>O título dá centralidade às narrativas de mulheres, um grupo historicamente silenciado nas discussões sobre migração, que normalmente privilegiam números, fluxos ou economia. Fazer das narrativas pessoais e subjetivas o objeto da pesquisa é um ato de insubordinação contra a tradição acadêmica que prioriza dados “duros” e discursos masculinizados sobre migração.</p>
<p>Jogo de Linguagem: “e(m) Migração”</p>	<p>Esse recurso linguístico “e(m) Migração” é uma provocação criativa — destaca o duplo sentido de estar em migração (processo em andamento) e o ato de migração em si. Isso rompe com a visão estática dos processos migratórios e coloca o foco no movimento contínuo, na transitoriedade, o que já desafia as categorias fixas e engessadas da burocracia migratória.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Rompe com o discurso técnico ou estatal sobre migração;
- Traz à tona vozes femininas e subjetivas;
- Subverte a cartografia como algo fixo e masculino;
- Usa recursos linguísticos para abrir sentidos e provocar reflexão.

Pesquisadores – técnicos

Lucimar Pinheiro da Silva Sampaio

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Doutora em Literatura (UnB). Mestre em Educação pela UnB na área de Tecnologia da Educação (2008) e Especialista em Letramento e Práticas Interdisciplinares - UnB (2015). Graduada em Letras - Português e Espanhol pelo Centro Universitário de Brasília (1996). Professora da Secretaria de Educação do DF. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Corpo. Participou da elaboração do Currículo dos Anos Finais da SEEDF, disciplina Língua Portuguesa. Desenvolveu projeto de formação de professores sobre Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola de Aperfeiçoamento de Professores do DF. Foi Gestora de uma Instituição Pública de Ensino no DF. Atualmente, é professora regente de Língua Portuguesa na Secretaria de Educação Estado do DF.

Título de sua tese: Ler Conceição Evaristo no ensino de Literatura: por um currículo amefricano

Descrição geral: a pesquisa investiga a presença e o ensino da literatura negra nos currículos educacionais brasileiros, problematizando como a manutenção do mito da democracia racial e a adoção histórica de perspectivas eurocêntricas contribuem para a invisibilização das experiências, saberes e produções da população negra. Fundamentado em referenciais como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo, o estudo analisa criticamente como processos colonizatórios ainda se manifestam nas políticas curriculares e nas práticas pedagógicas, produzindo violências simbólicas e desigualdades estruturais no ensino. A pesquisa defende a necessidade de incorporar, de forma efetiva, saberes afrocentrados e epistemologias negras nos documentos oficiais, especialmente à luz da Lei 10.639/2003, argumentando que uma educação antirracista

passa pela valorização da história, cultura e literatura produzidas pela população negra. Ao tensionar o viés ideológico presente nas teorias tradicionais do currículo, o trabalho propõe caminhos para a construção de práticas pedagógicas que rompam com a lógica da branquitude, fortaleçam identidades negras e promovam justiça racial no contexto escolar brasileiro, reconhecendo que a população do país é majoritariamente negra e que suas narrativas devem ocupar lugar central na educação.

Quadro 23 – Pesquisadora Lucimar

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Questionamento das Normas Curriculares Colonizadoras		A pesquisa desafia diretamente o currículo tradicional, ao apontar seu viés eurocêntrico e excludente, propondo sua ressignificação por meio da literatura negra. Esse movimento rompe com o "seguir as regras" do currículo oficial, mas o faz de forma propositiva e fundamentada.
Valorização dos Saberes Negros como Contradiscurso		Ao defender a inserção dos saberes da população negra e da literatura afrocentrada, o trabalho não apenas aponta lacunas, indo além disso ao propor incorporar epistemologias historicamente silenciadas. Isso representa insubordinação, pois desafia a estrutura de poder simbólico da escola, mas de maneira construtiva e fundamentada em direitos.
Uso da Perspectiva Ameíricana e da Escrivência		A escolha de autores como Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo é um ato de insubordinação criativa, pois traz à cena acadêmica e educacional epistemologias que tradicionalmente não são reconhecidas pelo mainstream acadêmico, desafiando o padrão normativo e oferecendo novas alternativas interpretativas e pedagógicas.
Defesa de uma Educação Literária Afrocentrada		Não se trata apenas de inserir conteúdos, mas de propor uma ruptura no eixo central da organização curricular, o que representa uma forma de insubordinação institucional ao modelo vigente, visando transformações estruturais.

<p>Desconstrução do Mito da Democracia Racial</p>	<p>O trabalho não aceita passivamente a narrativa dominante de que o Brasil é um país "democrático" em termos raciais. Essa recusa é um posicionamento insubordinado que visa desmontar o discurso confortável para a elite, em busca de justiça social real.</p>
<p>Porque é insubordinação o criativa e não apenas rebeldia</p>	<p>A pesquisa não propõe caos ou mera negação, mas alternativas concretas, sustentadas por teorias sólidas (Gonzalez, Carneiro, Evaristo); Há um respeito ético e legal, ancorado em marcos, como a Lei 10.639/2003; A crítica é propositiva, visando inovação e transformação, e não apenas denúncia.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Reconhecimento das limitações do modelo atual;
- Rompimento das as convenções excludentes;
- Proposição de caminhos inovadores e inclusivos;
- Realização dessas ações de maneira ética, fundamentada e voltada ao bem comum.

Pesquisadores - colaboradores estrangeiros

Derlis Ortiz Coronel

Resumo informado pelo autor no Currículo Lattes: Possui graduação em Licenciado en Ciencias de la Educación - Universidad Nacional de Asunción (2002), mestrado em Maestría en Educación, énfasis currículum - Universidad de Viña del Mar (2008) e doutorado em Doctorado en Ciencias de la Educación - Universidad Técnica de Comercialización y Desarrollo (2011). Atualmente é profesor - Universidad Tecnológica Intercontinental, catedrático - Universidad San Lorenzo, coordinador pedagógico - Colegio Nacional de Enseñanza Media Diversificada Mariscal Francisco Solano, director académico do Instituto de Formación Docente IDT, profesor - Universidad Nacional de Asunción. Facultad de Filosofía., profesor - Universidad Nacional de Asunción. Facultad de Derecho y Ciencias Sociales, miembro del equipo de gestión institucional - Universidad Nacional de Asunción. Facultad de Ciencias Económicas e profesor - Universidad Nacional de Asunción. Facultad de Ciencias Económicas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educación, aprendizaje, educación indígena, edificio en altura e psicogénesis.

Textos consultados: relatório do pós-doutoramento.

Descrição geral: O texto critica o fato de o sistema público paraguaio seguir um currículo "ocidental não indígena", construído sem diálogo intercultural. Ao propor um currículo próprio para o povo Mbya Guaraní, elaborado *por e com* indígenas, há um ato direto de insubordinação às normas estabelecidas, porém com o intuito de

construir uma alternativa legítima e inovadora. Desse modo, ocorre o rompimento com o Currículo Ocidental Hegemônico, Ortiz (2022).

Quadro 24 – Pesquisador Derlis

Textos consultados para construção deste quadro:		
<p>Ortiz Coronel, D. (2022). Educación indígena del pueblo Mbya Guaraní: Perspectivas y desafíos desde la mirada descolonizadora. <i>Revista Letra Magna</i>, 61–71.</p> <p>Ortiz Coronel, D., & Lacerda de Sá, R. (2025). Construcción colectiva del conocimiento: Herramientas para la investigación participativa [Collective construction of knowledge: Tools for participatory research]. <i>Amawtakuna: Revista Científica</i>, 1(3), 1–55. https://editorial.uaw.edu.ec/construccion-colectiva-del-conocimiento/</p>		
Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo	Comentários analítico-teóricos
Valorização de Epistemologias Indígenas e Descolonização	A defesa de um currículo baseado em fontes epistemológicas, socioculturais e psicopedagógicas indígenas representa uma insubordinação ao conhecimento colonizador que historicamente excluiu ou invisibilizou saberes originários. Aqui, a insubordinação é criativa porque não apenas recusa o padrão, mas constrói um novo, situado e respeitoso às cosmovisões dos povos indígenas.	
Crítica ao Isomorfismo Curricular	Ao denunciar o "isomorfismo curricular da educação ocidentalizada", o texto aponta a reprodução automática e acrítica de modelos de ensino coloniais, propondo a ruptura dessa lógica como necessidade vital para a preservação da língua, espiritualidade e identidade dos povos indígenas.	
Resgate e Reconhecimento das Línguas e Saberes Locais	A defesa do fortalecimento da língua Mbya Guaraní, das práticas culturais e espirituais dos faltantes dessa língua vai na contramão das políticas históricas de apagamento cultural, o que constitui um ato de insubordinação	

	criativa, sobretudo, ao estabelecer que esses elementos são centrais e não marginais no currículo.
Apropriação Crítica do Currículo como Espaço de Diálogo	Ao se apoiar em Stenhouse, que vê o currículo como um espaço aberto ao diálogo e à crítica, o texto legitima a insubordinação criativa como parte do próprio processo curricular. Ou seja, o currículo não deve ser imposto, mas discutido, adaptado e reinventado conforme as necessidades e realidades locais.
Incorporação do Pensamento Descolonial	O uso de autores como Mignolo e Dussel é uma escolha de insubordinação teórica, pois privilegia linhas de pensamento que questionam o eurocentrismo e propõem alternativas pluriversais, centradas nas vozes historicamente silenciadas.
Currículo Construído "Desde a Periferia"	Ao afirmar a necessidade de um currículo "construído participativamente, com os próprios atores sociais e desde a periferia", há uma insubordinação clara às estruturas centralizadas de poder e ao monopólio de produção curricular estatal, substituindo-o por um modelo baseado na autonomia e na construção coletiva.
Resistência ao Epistemicídio	Ao reconhecer o genocídio e o epistemicídio sofridos pelos povos originários há mais de 500 anos, e ao propor um currículo que reverte essa lógica, o projeto atua como um exemplo concreto de insubordinação criativa, transformando denúncia em ação educativa inovadora.

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Não se limita a criticar o sistema educacional hegemônico;
- Propõe uma alternativa concreta, construída de forma coletiva e situada;
- Valoriza saberes e práticas marginalizadas de maneira ética e inovadora;

- Rompe com padrões coloniais sem cair na simples negação ou no conflito vazio;
- Incentiva o diálogo, a autonomia e o protagonismo indígena.

Ortiz e Sá (2025). Aspectos que dialogam com a insubordinação criativa:

- Defesa da valorização da participação comunitária, inclusão, diversidade e respeito às perspectivas locais (potencialmente contrárias a epistemologias dominantes);
- Crítica implícita a um modo tradicional de pesquisa, propondo uma perspectiva holística e contextualizada;
- Intenção de aproximar teoria e prática de forma participativa, sugerindo uma atitude de deslocamento do saber exclusivamente acadêmico.

Elsa Lechner

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Elsa Lechner é investigadora do Centro de Estudos Sociais/Universidade de Coimbra, onde integra a linha de investigação Europa e o Sul Global: patrimónios e diálogos. Desde o início dos anos 2000, participa e pertence às Redes Internacionais de Histórias de Vida em Educação e Pesquisa Biográfica, nomeadamente como membro do Comité da Associação Internacional de Estudos Biográficos em Educação *Le Sujet dans la Cité*, onde foi Editora Chefe da Revista Internacional LSC, e membro do comité científico do grupo de pesquisa *Grafho* e da associação *Biograph*. Seus interesses atuais de pesquisa incluem práticas de escrita de vida, diálogos interculturais, educação ao longo da vida entre migrantes e refugiados, conhecimento experiencial, métodos participativos, pedagogias inclusivas, teatro na educação, educação para a vida. Participou em doze projetos de investigação nacionais e internacionais nas áreas das Migrações, Estudos Biográficos, Educação e Comunicação Intercultural. Coordenou cinco projetos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Comissão Fulbright, Fundação Calouste Gulbenkian, entre emigrantes portugueses em França, EUA, Brasil e imigrantes das mais diversas origens em Portugal; Participou como membro pesquisador em projetos nacionais e internacionais financiados pela FCT, OFAJ, ERASMUS+, Jean Monnet, CAPES brasileira, FAPESB. O seu foco principal de investigação incide sobre experiências de vida e narrativas de migrantes e refugiados de e para Portugal, e métodos participativos/pesquisa qualitativa, nomeadamente nos seguintes contextos: portugueses na região parisiense, portugueses em New Jersey e Califórnia, descendentes de portugueses no Brasil, segunda e terceira gerações de portugueses no ensino secundário e universitário de língua e cultura portuguesa, imigrantes em Portugal, refugiados e requerentes de asilo no Portugal pós-2015. Publicou 8 livros (2 como autora individual, 3 como coordenadora, 3 como coeditora), 27 capítulos de livros (23 como autora única), resenhas de livros e 21

artigos de periódicos (18 como autora única) em inglês, português, espanhol e francês. Coorganizou 3 números especiais na área da investigação biográfica e migrações e 39 eventos científicos/acadêmicos (conferências, workshops e ciclos de seminários/debates). Fez cerca de 80 apresentações orais em conferências e workshops em Portugal, Espanha, Itália, Chipre, França, Alemanha, Áustria, Holanda, Polónia, Noruega, Finlândia, Reino Unido, EUA, Brasil, México, Argentina, Taiwan, muitos deles como oradora convidada ou oradora principal. Conta com 20 orientações de teses de estudantes nacionais e internacionais. Desde julho de 2021, coordena um ciclo mensal de fóruns de debates online que visa fomentar o intercâmbio interdisciplinar entre professores, alunos, participantes voluntários, aberto ao grande público e participantes, em parceria com três universidades públicas em Portugal e no Brasil (14 seminários em dois anos). Coordenou o grupo de investigação do CES Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (2010-2014) e integrou o Conselho Científico do CES (2010-2014). É regularmente contactada para lecionar sobre estudos biográficos e por revistas científicas para avaliação por pares (e.g. Intercultural Discourses, RABPB, Análise Social, Educação em Questão). Foi entrevistada pela imprensa portuguesa e programas de rádio em Portugal e nas comunidades da diáspora sobre questões relacionadas com biografias e migrações. Tem também formação artística formal e informal em canto coral e teatro, nomeadamente teatro playback, teatro do oprimido, técnica Meisner, sistema Stanislavski. Atua regularmente em atividades de extensão em escolas para realizar oficinas sobre alteridade e diversidade com jovens estudantes.

Textos consultados: artigos publicados.

Descrição geral: Trata-se de uma insubordinação ética, consciente e voltada à justiça social, que propõe novas formas de fazer ciência, mais conectadas com a vida real dos sujeitos pesquisados.

Quadro 25 – Pesquisadora Elsa

<p>Textos consultados para construção deste quadro: Migrants? lives matter: biographical research, recognition and social participation. CONTEMPORARY SOCIAL SCIENCE JCS, v. 14, p. 500-514, 2019.</p>		
<p>Indícios da Insubordinação Criativa</p>	<p>Trecho exemplificativo</p>	<p>Comentários analítico-teóricos</p>
<p>Questionament o das Metodologias Tradicionais</p>	<p>O texto critica a forma tradicional de conduzir pesquisas biográficas, propondo uma análise mais profunda dos efeitos mútuos entre pesquisadores e participantes. Essa atitude rompe com a visão acadêmica hegemônica de que o pesquisador é neutro ou distante emocionalmente do objeto de estudo. Questionar esse modelo é um ato de insubordinação, pois desafia o protocolo acadêmico, propondo outro caminho mais humano e crítico.</p>	
<p>Incorporar a Consciência da Desigualdade Estrutural</p>	<p>A exigência de que as ferramentas metodológicas levem em conta as desigualdades estruturais representa uma ruptura criativa com metodologias que fingem neutralidade, mas que, na prática, perpetuam desigualdades. Aqui, a insubordinação ocorre ao denunciar essas falhas e ao propor uma prática metodológica mais justa e consciente.</p>	
<p>Posição Ativista: "Migrants' Lives Matter"</p>	<p>Ao afirmar que "Migrants' Lives Matter", o trabalho assume explicitamente um posicionamento político e social que tradicionalmente seria considerado fora do "campo neutro" da academia. Essa escolha é um exemplo claro de insubordinação criativa, pois desafia o mito da neutralidade acadêmica, utilizando o espaço científico como ferramenta de defesa dos direitos e dignidade dos migrantes.</p>	

<p>Ruptura com o Nacionalismo Metodológico</p>	<p>O texto destaca o movimento da sociologia que rompe com a compreensão estritamente nacional dos fenômenos migratórios, substituindo-a por uma visão transnacional, mais coerente com a realidade complexa dos deslocamentos humanos. Essa mudança epistemológica representa uma forma de insubordinação à tradição acadêmica nacionalista, propondo uma análise mais plural e conectada com o mundo.</p>
<p>Diálogo Interdisciplinar: Filosofia e Prática Social</p>	<p>A pesquisa rompe com o isolamento entre filosofia e pesquisa social prática. Essa integração entre áreas do saber também representa insubordinação criativa, pois desafia o compartimentalismo acadêmico, ampliando as possibilidades de análise e intervenção.</p>

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Contestar hierarquias e distanciamentos entre pesquisador e pesquisado;
- Exigir o reconhecimento das desigualdades nas práticas acadêmicas;
- Adotar um posicionamento político em defesa dos migrantes;
- Romper com paradigmas nacionalistas e acadêmicos conservadores;
- Integrar filosofia e prática social como estratégia transformadora.

Enrico Bocciolesi

Resumo informado pela autora no Currículo Lattes: Pesquisador e professor italiano, PhD em Educação, atua como Diretor do IELIT – International Educational Literacy and Innovation Team. É professor na eCampus University (Como, Itália) e docente convidado na UNED – Universidad Nacional de Educación a Distancia (Espanha) e na Universidade de Guadalajara (México). Desenvolve pesquisas em Educação de Adultos, Formação Continuada, Estilos de Aprendizagem, Alfabetização Midiática, Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), Aprendizagem ao Longo da Vida e Educação Crítica. É também Editor-Chefe da Revista Internacional de Educação e Aprendizagem e membro de redes científicas internacionais como a EERA, WERA, RIAICES, RIUL, e o Freire Institute (University of Central Lancashire). Autor e organizador de diversas obras em editoras como FrancoAngeli, Giuffrè, IGI Global, Marcial Pons e Pearson, Bocciolesi é reconhecido por sua atuação em defesa de uma Pedagogia Crítica Contemporânea, com foco em educação humanista, tecnologia ética e aprendizagem complexa.

Textos consultados: Leitura, hegemonia e consciência crítica em tempos de virtualidade: por uma pedagogia da reconexão humana.

Descrição geral: A reflexão desenvolvida por Enrico Bocciolesi parte do contexto pandêmico recente para propor uma análise filosófico-educacional da leitura e da escrita como práticas de resistência e reconexão humana em um mundo dominado pela virtualidade e pelo distanciamento social. O autor examina o impacto da globalização, das tecnologias e da hegemonia cultural sobre as formas contemporâneas de leitura, argumentando que a crise sanitária apenas evidenciou um problema que já vinha se instaurando: o enfraquecimento das relações dialógicas e a alienação do sujeito diante da técnica. Ancorando-se em referenciais da pedagogia crítica e da educação complexa (Freire, Giroux, Baldacci, Morin, Gramsci), Bocciolesi propõe repensar o ato de ler como prática de consciência e emancipação. Para ele, ler é mais do que decodificar textos: é um gesto político e relacional, capaz de

reestabelecer o vínculo entre o humano e o mundo. A partir de uma análise hermenêutica, o autor discute o conceito de hegemonia como força que atravessa não apenas a economia e a política, mas também a cultura e a educação, reproduzindo relações de dominação simbólica. O texto transita entre filosofia, sociologia, educação e comunicação, mesclando crítica social e reflexão estética. O autor questiona o modo como as tecnologias, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação, criam filtros, algoritmos e mecanismos de controle que limitam a autonomia intelectual e o pensamento crítico. Assim, propõe uma educação reconectiva, que recupere a dimensão dialógica da leitura e do pensamento, reaproximando o sujeito de sua própria historicidade. Sua escrita, marcada por um tom poético e filosófico, constitui um ato de Insubordinação Criativa, ao desafiar fronteiras entre ciência e literatura, razão e sensibilidade, e ao reivindicar uma pedagogia humanista que resista às formas contemporâneas de colonização cultural e tecnológica.

Quadro 26 - Enrico Bocciolesi

Indícios da Insubordinação Criativa	Trecho exemplificativo Síntese	Comentários analítico-teóricos
Crítica à Alienação Tecnológica e Social	Bocciolesi analisa o isolamento contemporâneo, intensificado pela pandemia, e denuncia a transformação das relações humanas em interações mediadas e superficiais.	Essa crítica é uma forma de insubordinação criativa, pois não rejeita a tecnologia, mas propõe sua ressignificação ética e humana. O autor tensiona a cultura digital que distancia os sujeitos e convoca uma pedagogia da reconexão afetiva e dialógica.

<p>Revalorização da Leitura como Práxis de Libertação</p>	<p>O pesquisador reivindica a leitura como ato político e emancipatório, retomando sua dimensão ética e estética frente ao domínio da virtualidade.</p>	<p>Ao compreender a leitura como exercício de consciência crítica e resistência, Bocciolesi desafia a lógica instrumental do conhecimento, alinhando-se à tradição freireana e gramsciana que concebe a educação como prática de liberdade.</p>
<p>Reinterpretação da Hegemonia Cultural</p>	<p>Inspirando-se em Gramsci, Baldacci e Freire, o autor reflete sobre as relações entre poder, linguagem e dominação simbólica.</p>	<p>A análise da hegemonia e das relações subalternas no campo educacional revela uma postura insubordinada que busca desnaturalizar a dominação cultural, promovendo o pensamento crítico e a autonomia do sujeito aprendiz.</p>
<p>Reencantamento da Educação pela Ética do Encontro</p>	<p>Ao sugerir que a educação deve restituir o diálogo e a experiência sensível como fundamentos da aprendizagem, o autor rompe com o paradigma tecnocrático.</p>	<p>A insubordinação se manifesta na defesa de uma pedagogia humanizadora e relacional, que revaloriza a presença, o afeto e a alteridade como elementos centrais do processo educativo.</p>
<p>Transgressão dos Limites Disciplinários e do Formalismo Acadêmico</p>	<p>A escrita de Bocciolesi é ensaística, híbrida e filosófica, articulando pedagogia, literatura, sociologia e filosofia da linguagem.</p>	<p>Essa opção estilística é uma estratégia de resistência à normatização científica, praticando uma forma de pensamento complexo e criativo que une rigor e sensibilidade.</p>
<p>Educação Crítica como Resistência à Hegemonia Neoliberal</p>	<p>O autor questiona a mercantilização da educação e a redução da aprendizagem a resultados e métricas.</p>	<p>A postura crítica frente à lógica neoliberal evidencia uma insubordinação ética e política, pois propõe uma educação voltada à emancipação e não à produtividade.</p>

<p>Por que é Insubordinação Criativa e não mera Rebeldia</p>	<p>Bocciolesi não se limita a criticar a crise da leitura e da educação contemporânea; ele propõe caminhos de reconexão, consciência e humanidade.</p>	<p>Sua crítica é fundamentada em teorias sólidas (Freire, Gramsci, Baldacci), respeita o campo ético da educação e busca a inovação transformadora. Trata-se de uma rebeldia lúcida e propositiva, comprometida com a reconstrução do sentido humano da pedagogia.</p>
---	--	--

Fonte: sistematizado pela autora.

Como se manifesta a Insubordinação Criativa?

- Ao denunciar a hegemonia cultural e tecnológica que esvazia o sentido da educação;
- Ao propor a leitura e a escrita como atos de libertação e reconexão ética;
- Ao defender o diálogo, a alteridade e o vínculo social como fundamentos educativos;
- Ao transgredir fronteiras entre ciência, arte e filosofia, promovendo uma pedagogia transdisciplinar;
- Ao reafirmar o papel do educador como mediador da consciência crítica em tempos de virtualização e isolamento;
- Ao transformar a crise global em oportunidade para uma refundação ética e estética da educação.

Múltiplas formas de Insubordinação Criativa: comentários

A análise conjunta dos resultados evidencia que a Insubordinação Criativa se materializa como uma postura transversal, que ultrapassa escolhas individuais e se consolida no coletivo do grupo de pesquisa. Longe de se limitar a um conceito abstrato, ela se manifesta em práticas, metodologias e produções que rompem com padrões estabelecidos e instauram novas formas de compreender e atuar no campo científico. Assim, as trajetórias aqui apresentadas revelam não apenas percursos singulares, mas um movimento comum de resistência, ousadia e proposição de alternativas, capaz de abrir horizontes inéditos para a produção do conhecimento.

As produções apresentadas revelam múltiplas formas de Insubordinação Criativa, as quais podem ser compreendidas a partir das quatro dimensões descritas nesta obra. Na **dimensão filosófico-político**, destacam-se posicionamentos que recusam a neutralidade acadêmica e propõem uma ciência engajada, ética e comprometida com a transformação social. Rubens Lacerda de Sá, por exemplo, rompe com o gênero-tese tradicional, recusando o formato rígido e positivista e defendendo uma universidade heterogênea e resistente. Na mesma direção, Vinicius Siqueira de Lima propõe o conceito de “necropolítica à brasileira”, tensionando diretamente estruturas de poder e revelando as engrenagens da morte como política de Estado. Já Edu Dias da Silva problematiza gênero, docência e intelectualidade crítica, posicionando o professor como sujeito político e transformador. Outros autores, como Ana Carlota Vieira Niero e Heleni Sousa dos Santos Ferreira, reforçam essa dimensão ao criticar a lógica neoliberal, a distorção das práticas de inclusão e a

precarização da educação. Tais posicionamentos mostram que, no plano político-filosófico, todos os trabalhos assumem um compromisso de resistência e denúncia frente a estruturas opressoras, mas também de proposição de novos horizontes.

Na dimensão **epistemológica**, observa-se uma recusa do pensamento único e a defesa da pluralidade. Rubens Lacerda de Sá e Diego Sousa articulam perspectivas transdisciplinares e polifônicas, colocando em diálogo autores de diferentes correntes. Moisés Carlos de Amorim combina Jung e Mignolo para propor uma abordagem híbrida entre imaginário e pós-colonialismo, evidenciando que o saber pode nascer da margem e do regional, em oposição ao centro hegemônico. Mariana Guedes Seccato, ao adotar a Linguística Aplicada Crítica e uma ontologia relativista, também tensiona modelos dominantes ao valorizar epistemologias abertas e questionadoras. Elkerlane Moraes e Edu Dias da Silva incorporam metáforas, narrativas literárias e psicanálise em contextos educativos, rompendo com fronteiras disciplinares tradicionais. Essa abertura epistemológica mostra que a insubordinação criativa se manifesta ao legitimar saberes populares, narrativos, subjetivos e culturais, ampliando o conceito de ciência.

A dimensão **pedagógico-metodológica** também é fortemente contemplado nas pesquisas. Elkerlane Moraes, Rubens Lacerda e Edu Dias da Silva optam por escritas metafóricas, poéticas e subjetivas, desestabilizando o formato acadêmico tradicional. Diego Sousa e David Juglieme inserem experiências pessoais como parte do discurso científico, aproximando pesquisa e vida. Mariana Seccato, por sua vez, propõe metodologias alternativas como a análise paradigmática e sintagmática (APS) e a valorização dos Incidentes Críticos, ao mesmo tempo em que devolve resultados à comunidade investigada, rompendo com a lógica hierárquica da produção científica. Rita de Cássia Augusto propõe espaços inovadores de formação continuada, enquanto Cristiano Almeida e Paulo José Evaristo exploram metodologias dialógicas e inclusivas em contextos de vulnerabilidade, como creches, medidas socioeducativas e prisões.

Em todos esses casos, a insubordinação criativa aparece no plano metodológico como recusa à linearidade e ao tecnicismo, e como aposta em metodologias abertas, processuais e emancipatórias.

Por fim, na dimensão **de ação e transformação**, os pesquisadores não se limitam a críticas abstratas, vão além: constroem alternativas concretas. Diego Sousa propõe uma educação para a morte como prática disruptiva que rompe tabus sociais e escolares. Paulo José Evaristo elabora um guia prático para a educação em prisões, utilizando tecnologias sociais como o Moodle off-line para garantir o direito à aprendizagem. Ana Carlota Vieira Niero reivindica um reposicionamento ético-político dos educadores diante do neoliberalismo, enquanto Rita de Cássia e Mariana Seccato sugerem alternativas formativas que superam a lógica da mera reprodução. Moisés Carlos de Amorim valoriza o imaginário e a oralidade regional como formas de resistência cultural. Gabriela Monteiro de Moura e Gabriela Genizele Souza dos Santos, por sua vez, tensionam conceitos como hospitalidade e maternagem para pensar a escola como espaço de acolhimento radical e relacional. Já Graziani Anicézio problematiza diretamente a inclusão de sujeitos autistas, migrantes e vulneráveis, desafiando práticas institucionalizadas e defendendo abordagens interseccionais.

Em síntese, todos os trabalhos do quadro revelam que a insubordinação criativa se manifesta de modo plural, mas convergente: como ruptura ética frente às opressões (dimensão filosófico-político), como pluralidade de saberes e epistemologias (dimensão epistemológico), como metodologias inventivas e dialógicas (dimensão pedagógico-metodológico) e como ações transformadoras ancoradas na realidade (dimensão de ação e transformação). Assim, a análise permite concluir que essas pesquisas não apenas tensionam normas acadêmicas e sociais, mas também criam alternativas comprometidas com a emancipação, a justiça e a dignidade dos sujeitos envolvidos.

Entre experiências e subversões: um pensar em curso

O envolvimento com o grupo de pesquisa GIEL trouxe para mim, pesquisadora, experiências que ultrapassaram os limites acadêmicos e profissionais, alcançando também dimensões pessoais e existenciais. Participar das discussões e acompanhar os movimentos do grupo me possibilitou conhecer histórias de vida, percursos intelectuais e trajetórias de resistência que resignificaram a minha forma de pensar sobre encontros, desencontros e escolhas que marcam nossas caminhadas. Compreendi o valor de falar, mas, sobretudo, a potência de ouvir — ouvir narrativas de luta, angústias, conquistas, arrependimentos e ousadias que, no fundo, revelavam práticas de subversão responsável diante de contextos adversos. Como aponta Larrosa Bondía (2019), a experiência é aquilo que treme e vibra, que nos convoca a refletir e a agir; foi exatamente assim que se passou comigo a cada reunião, a cada escuta atenta, sentindo ora libertação, ora dor, ora a clareza necessária para reconhecer as lutas que me constituem.

Essas vivências no GIEL mostraram que a subversão não se trata de um gesto isolado de rebeldia, mas de uma forma responsável de agir contra estruturas que limitam ou silenciam. Observá-la no cotidiano das pesquisas, nos diálogos críticos e nas reflexões teóricas do grupo evidenciou o quanto as vozes ali presentes se empoderavam ao propor alternativas, questionar regras cristalizadas e construir novos sentidos para suas práticas investigativas e sociais. Esse movimento coletivo ressoava como um canto, no sentido dado por Larrosa Bondía (2019): um canto que atravessa o tempo e o espaço reverbera em outros corpos e provoca novos tremores e novas expressões.

A partir disso, percebi que dimensões de manifestação da Insubordinação Criativa que elaborei pode oferecer um referencial fecundo para compreender tais experiências. Na perspectiva filosófico-político, as vivências no GIEL reafirmaram a educação como prática de liberdade (Freire, 1980; 2018), ampliada pela ética amorosa e interseccional de hooks (2019), e pelo compromisso com a dignidade cultural de D’Ambrosio (2016). Na dimensão epistemológico, os encontros mostraram que o conhecimento emerge da práxis e da valorização das vozes marginalizadas, superando “gaiolas epistemológicas” e legitimando saberes plurais. Na dimensão metodológica, ficou evidente a força do diálogo horizontal, da autoria e da autonomia crítica (D’Ambrosio & Lopes, 2015), que se materializaram no modo coletivo como o grupo pensa e age. Por fim, na dimensão de ação e transformação, constatei como a práxis freireana e a subversão das hierarquias apontada por hooks (2019) se encarnam em práticas concretas que resistem às normas institucionais sempre que estas ferem a justiça social.

Assim, essa experiência me transformou profundamente e consolidou a certeza de que, em grupos como o GIEL, a insubordinação criativa não se limita a um conceito teórico, mas se concretiza como prática de vida, de pesquisa e de resistência. Ao mobilizar quatro horizontes de manifestações, pude perceber que o **filosófico-político** se expressa na coragem de romper com silenciamentos e afirmar a educação como prática de liberdade (Freire, 1980; 2018) e como ética amorosa (hooks, 2019). O **epistemológico** se revela na valorização das vozes, saberes e narrativas plurais que emergem nas reuniões, desafiando as “gaiolas epistemológicas” (D’Ambrosio, 2016) e construindo conhecimento a partir da experiência vivida. O **metodológico** aparece nos modos de organização do grupo, sustentados pelo diálogo horizontal, pela autoria e pela autonomia crítica (D’Ambrosio & Lopes, 2015), que rejeitam tanto prescrições institucionais quanto a falsa neutralidade científica. Já a dimensão de **ação e transformação** ganha corpo nas práticas que ousam intervir, propor alternativas e questionar normas

injustas, instaurando movimentos de ação–reflexão–ação (Freire, 1980) e subvertendo hierarquias que negam dignidade (hooks, 2019).

Dessa forma, o GIEL se tornou para mim não apenas um espaço de pertencimento, mas também um campo de experimentação epistemológica, política e metodológica, no qual a insubordinação criativa se afirma como estratégia ética de resistência. Trata-se de uma prática que, ao mesmo tempo em que denuncia estruturas excludentes, anuncia novas possibilidades de vida e de pesquisa comprometidas com a justiça social, a solidariedade crítica e a emancipação humana (D’Ambrosio, 2015; 2016).

Referências

Almeida, C. R. de. (2017). *Educadores de creche e a violência sexual infantil: Um tema interdito* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo). Repositório Institucional da UNIFESP. <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/50871>.

Amorim, M. C. de. (2020). *A construção do espaço em D. Aquino Corrêa, Silva Freire e Manoel de Barros: Imaginário e pós-colonialismo* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil). Repositório Institucional da UFMT.

Augusto, R. C. (2009). *O desenvolvimento da competência linguística de uma professora de inglês à luz da teoria da complexidade: um estudo* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil). Repositório Institucional da UFMG.

Bocciolesi, E. (2023). A pedagogia da alfabetização e os fatores contra-hegemônicos: estabelecendo um propósito reflexivo voltado para a emancipação social por meio do desenvolvimento internacional. Em A. Garcés-Manzanera & M. Carrillo García (Eds.), *Novas Abordagens para a Investigação do Ensino de Línguas e Literatura* (pp. 310-322). Publicação Científica Global IGI. <https://doi.org/10.4018/978-1-6684-6020-7.ch017>

D'Ambrosio, U. (2011). *A transdisciplinaridade como uma resposta à sustentabilidade*. Terceiro Incluído, 1(1), 1–13. <https://doi.org/10.5216/teri.v1i1.14393>

D'Ambrosio, U. (2016). A metáfora das gaiolas epistemológicas e uma proposta educacional. *Perspectivas da Educação Matemática*, 9 (20), 222-234.

D'Ambrosio, B. S., & Lopes, C. E. (2015). Insubordinação criativa: Um convite à reinvenção do educador matemático. *Bolema: Boletim de Educação Matemática*, 29(51), 1-17. <https://doi.org/10.1590/1980-4415v29n51a01>

Faustino, C. R. (2018). *O aluno com deficiência e o direito educacional na perspectiva inclusiva: Um estudo sobre o Atendimento Educacional Especializado em uma escola de São Paulo* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG).

Freire, P. (1980). *Pedagogia do oprimido* (1. ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fromm, E. (1956). *El arte de amar* (N. Rosenblatt & B. Moreno, Trans.). Lectulândia.

Gomes, I. S., & Caminha, I. O. (2014). Guia para estudos de revisão sistemática: Uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Ensaio*, 20 (1), 395-411.

hooks, b. (2019). Educação democrática. In F. Cássio (Org.), *Educação contra a barbárie: Por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo.

Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.

Lechner, E. (2019). Migrants' lives matter: Biographical research, recognition and social participation. *Contemporary Social Science*, 14 (4), 500–514.

Lima, V. S. de. (2023). *Enunciados necropolíticos do Ministério da Saúde brasileiro sobre a pandemia de covid19* (Dissertação de mestrado, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de PósGraduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil). Repositório Institucional da UNIFESP. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/69505>.

Lopes, C. E., D'Ambrosio, B. S., & Correa, S. A. (2016). A insubordinação criativa em educação matemática promove a ética e a solidariedade. *Zetetiké*, 24(3), 287-300. <https://doi.org/10.20396/zet.v24i3.8647923>

Moraes, E. M. A. (2018). “*Deixa-me ir e vir*”, *canta o rouxinol*: reminiscências docentes e política linguística de internacionalização para uma ciência sem fronteiras (Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil). Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34910>

Nascimento, G. S. X. (2024). *Interrelações teórico-práticas de Vygotsky e Sokolynasky na educação de surdos soviéticos* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Paulo).

Niero, A. C. V. (2023). *Coordenação Pedagógica no Brasil: por uma proposta arqueológica* (Dissertação de mestrado profissional, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos). Repositório Institucional da UNIFESP. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/69512>

Nogueira, D. J. A. (2022). *Exclusão/inclusão de migrantes bolivianos em contextos educacionais* (Tese de doutorado, Universidade Federal de São

Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Repositório Institucional da UNIFESP. <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/63973>

Sá, R. L. de. (2020). *Internacionalização, hospitalidade e ideologia: Por um protocolo de acesso, acolhimento e acompanhamento* (Tese de doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil). Repositório Institucional da UNICAMP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2020.1128725>

Sá, R. L. de. (2024). Horizonte político-epistemológico em pesquisa social. *Revista Letra Magna*, 20(37), 39–55. <https://doi.org/10.29327/2206789.20.37-4>

Sá, C. F. (2022). *Educadores e role-playing game (RPG): Um estudo sobre design de experiências lúdicas on-line* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

Sampaio, L. P. S. (2023). *Ler Conceição Evaristo no ensino de literatura: Por um currículo amefricano* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/48293>

Santos, B. de S. (2008). *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez.

Seccato, M. G. (2020). *Incidentes críticos na formação de professores de Língua Inglesa: Conceitos, características e reações* (Tese de doutorado, Programa de PósGraduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil). Universidade Estadual de Londrina.

Silva, E. D. da. (2020). *No jardim das leituras: similitudes e diferenças entre o lido e o vivido pelas formadoras de leitores do Distrito Federal: o caso da pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília* (Tese de doutorado, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil). Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio.unb.br/handle/10482/40755>

Silva, P. J. E. da. (2024). *Um design educacional para a educação mediada por tecnologias digitais em estabelecimentos penais* (Dissertação de mestrado profissional, Instituto Federal de São Paulo, campus Paulista). Instituto Federal de São Paulo.

Sousa, D. P. de. (2024). *Túmulos virtuais e educação para a morte: Perspectiva pragmáticodialógica* (Tese de doutorado, Instituto de Estudos da

Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil).
Repositório Institucional da UNICAMP.

Souza, F. R., & Barbato, S. B. (2017). Revisão sistemática de estudos qualitativos brasileiros com pessoas diagnosticadas como deficientes intelectuais. *Interação em Psicologia*, 21 (1), 66-77.

Vieira, E. A.O. (2022). Revisão sistemática como delineamento de pesquisa. In: Martins, R.X. (Org.), *Metodologia de Pesquisa Científica: reflexões e experiências investigativas na Educação*. Editora UFLA. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362427799_Revisao_sistemtica_como_delineamento_de_pesquisa

Ortiz Coronel, D. (2022). Educación indígena del pueblo Mbya Guaraní: Perspectivas y desafíos desde la mirada descolonizadora. *Revista Letra Magna*, 61–71.

Ortiz Coronel, D., & Lacerda de Sá, R. (2025). Construcción colectiva del conocimiento: Herramientas para la investigación participativa [Collective construction of knowledge: Tools for participatory research]. *Amawtakuna: Revista Científica*, 1(3), 1–55. <https://editorial.uaw.edu.ec/construccion-colectiva-del-conocimiento/>

Von Zuben, N. A. (2003). Formação de professores da incerteza à compreensão. In M. A. V. Bicudo (Org.), *Formação de professores? Da incerteza à compreensão* (pp. 409-426). Bauru, SP: EDUSC.

Walsh, C. (2011). Afro and Indigenous life–visions in/and politics: (De)colonial perspectives in Bolivia and Ecuador. *Bolivian Studies Journal*, 18, 50–67. <https://doi.org/10.5195/BSJ.2011.43>

Sobre a autora



Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Rio Claro. Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Campus Guarulhos, Possui especialização em Ensino de Matemática pela Universidade Federal de São

Carlos (UFSCar) e especialização em Educação e Tecnologias, também pela UFSCar. Foi professora de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) e de Ensino Superior na Faculdade de Tecnologia (Fatec) em Santos e em Praia Grande. Atualmente, é professora dos cursos de Licenciatura em Matemática e Pedagogia da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), professora do curso de Pós-Graduação em Educação Matemática da Faculdade SESI de Educação e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação Estatística (GPÉE), vinculado a Unesp, Campus Rio Claro, do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Estudos da Linguagem (GIEL), vinculado à Unifesp, Campus Guarulhos, e do Grupo PEA-MAT da PUC-SP. Tem experiência na área de Educação Matemática, com ênfase em Educação Estatística, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, narrativas e insubordinação criativa. Foi organizadora do livro Contribuições para a Educação Estatística: a trajetória acadêmica do grupo de pesquisa de Rio Claro (Akademy, 2020) e coautora do livro Educação Estatística Crítica: diálogos, competências e insubordinação criativa (Akademy, 2024).

